

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CAMPUS SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JANAINA ALVES DE ARAÚJO

*POR QUE NÃO PODE CELULAR NA AULA, MAS PODE AULA NO CELULAR? AS
REPRESENTAÇÕES HUMORÍSTICAS DOS MEMES DA INTERNET SOBRE
EDUCAÇÃO NA PANDEMIA*

SOROCABA - SP
2023

JANAINA ALVES DE ARAÚJO

*POR QUE NÃO PODE CELULAR NA AULA, MAS PODE AULA NO CELULAR? AS
REPRESENTAÇÕES HUMORÍSTICAS DOS MEMES DA INTERNET SOBRE
EDUCAÇÃO NA PANDEMIA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para obtenção do grau de
licenciada no curso de Licenciatura em Pedagogia,
da Universidade Federal de São Carlos campus
Sorocaba.

Orientação: Prof. Dr. Márcio Antonio Gatti.

SOROCABA

2023

Alves de Araújo, Janaina

Por que não pode celular na aula, mas pode aula no celular? As representações humorísticas dos memes da internet sobre educação na pandemia / Janaina Alves de Araújo -- 2023.
6of.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Márcio Antonio Gatti
Banca Examinadora: Geraldo Tadeu Souza, Teresa Mary Pires de Castro Melo
Bibliografia

1. Ensino remoto na pandemia de coronavírus. 2. Tecnologias da Informação e Comunicação. 3. Memes da Internet. I. Alves de Araújo, Janaina. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-
So/CCHB

Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP
18052-780

Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 5/2023/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

janaina alves de aráujo

***Por que não pode celular na aula, mas pode aula no celular? As representações
humorísticas dos memes da internet sobre educação na pandemia***

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 30 de março de 2023

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientador	Prof. Márcio Antônio Gatti, Dr.
Membro da Banca 1	Prof. ^a Teresa Mary Pires de Castro Melo, Dr. ^a
Membro da Banca 2	Prof. Geraldo Tadeu Souza, Dr.

	Documento assinado eletronicamente por Marcio Antonio Gatti, Professor(a) , em 30/03/2023, às 17:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <u>Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</u> .
---	--

	Documento assinado eletronicamente por Geraldo Tadeu Souza, Professor(a) Efetivo(a) , em 30/03/2023, às 18:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <u>Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</u> .
--	--

	Documento assinado eletronicamente por Teresa Mary Pires de Castro Melo, Servidor(a) Público(a) Federal , em 31/03/2023, às 15:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do <u>Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015</u> .
---	--

	A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufscar.br/autenticacao , informando o código verificador 0971017 e o código CRC 77C0D8A9 .
---	--

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº SEI nº 0971017 23112.007849/2023-47

DEDICATÓRIA

Aos professores e professoras que tem o “luto” como verbo. Somos o motivo de, mesmo durante uma pandemia, existir esperança na educação brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a todas as mulheres que abriram caminho para que hoje pudéssemos avançar no reconhecimento dos nossos direitos, ocupando as universidades desse país afora. Espero também contribuir na luta para que outras, depois de mim, continuem ocupando a academia e fazendo ciência.

Ao meu pai Reinaldo V.de Araújo e minha mãe Fabiana de C. Alves, que sempre ofereceram o apoio necessário para me manter firme na escolha que fiz, mesmo que isso representasse alguns sacrifícios. Ser a primeira da família a alcançar o ensino superior, só foi possível por todas as pequenas coisas que fizeram por mim nestes 5 anos. Nunca vou esquecer o sono interrompido diariamente para me buscar no ponto de ônibus, ou naquele *campus* frio, bem como as marmitas deixadas no micro-ondas para quando chegasse com fome.

Aos meus irmãos, Gabriel W. A. Araújo e Isac A. Araújo, pela parceria. Ao meu companheiro, Vinicius Moretto, pela sua escuta atenta e esforço em garantir o meu conforto durante a escrita deste trabalho. Sem você eu não teria conseguido vencer minhas inseguranças. A toda equipe da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) *campus* Sorocaba, pelo árduo trabalho na luta por uma educação gratuita e de qualidade. Essa foi por 6 anos a minha segunda casa, construí memórias incríveis, conheci pessoas que levarei no coração e me construí enquanto militante e educadora.

Aos professores que passaram pela minha vida, me inspirando a perceber o valor da educação enquanto direito conquistado. Hoje tenho a bagagem necessária para saber o tamanho do empenho que tiveram comigo. Meu carinho especial aos Professores Antônio Gouveia, Maria Walburga, Teresa Melo e Márcio Antônio Gatti, pois de maneiras diferentes cada um teve um papel essencial na minha permanência estudantil e formação política.

À minha coordenadora pedagógica (e amiga) Francine Salvador, que me deu a oportunidade de realizar o sonho de ser professora e tem me orientado durante todo este processo. Bem como, ao meu amigo Gabriel Moraes, pelas conversas intermináveis sobre TCC e prazos para cumprir. Não pense que esqueci de Você Heloíza Arcanjo! Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma pude.

Às ações afirmativas que viabilizaram o ingresso em uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

“Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem que assim é que a natureza compôs as suas espécies.”

Machado de Assis.

RESUMO

Este trabalho buscou analisar as implicações da Pandemia de Covid-19 na Educação brasileira durante os anos de 2020 e 2021, com a suspensão das aulas presenciais. Utilizando como metodologia principal a revisão bibliográfica, aliada à pesquisa documental. Tomou-se como objeto de pesquisa os memes da internet sobre o ensino remoto emergencial, partindo da hipótese de que estes constituem um gênero discursivo - capaz de traduzir, em tom humorístico, as representações construídas pelos sujeitos acerca de temas com impacto social. A pesquisa foi dividida em três momentos, sendo o primeiro deles focado na construção de uma linha do tempo com os acontecimentos da pandemia no Brasil a partir de notícias e documentos; o segundo contendo um resgate histórico dos acontecimentos que marcaram o surgimento da Era Digital no século XXI (CASTELLS, 1999; 2003) (LÉVY, 1999) (BELL, 1977) e, por fim, um aprofundamento sobre o conceito de meme (LEAL-TOLEDO, 2017) e a análise de um *corpus* de 14 memes.

Palavras-chave: Educação, Aulas on-line, Covid-19, Memes, Humor

ABSTRACT

This work sought to analyze the implications of the Covid-19 pandemic in Brazilian Education during the years 2020 and 2021, with the suspension of face-to-face classes. Using as main methodology the bibliographical review, allied to the documental research (). Internet memes about emergency remote teaching were taken as the research object, based on the hypothesis that they constitute a new discursive genre – capable of translating, in a humorous tone, the representations constructed by the subjects about themes with social impact. The research was divided into three moments, the first of which focused on building a timeline with the events of the pandemic in Brazil based on news and documents; the second containing a historical review of the events that marked the emergence of the Digital Age in the 21st century (CASTELLS, 1999; 2003) (LÉVY, 1999) (BELL, 1977) and, finally, a deepening of the concept of meme (LEAL- TOLEDO, 2017) and the analysis of a corpus of 14 memes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Meme exaustão mental

Figura 2: participação nas aulas

Figura 3: Meme tédio e desânimo I

Figura 4: Meme tédio e desânimo II

Figura 5: Meme volume de tarefas

Figura 6: Meme qualidade da aprendizagem

Figura 7: Meme Desigualdade de acesso à infraestrutura digital aluno

Figura 8: Meme Desigualdade de acesso à infraestrutura digital professor

Figura 9: Meme O papel das famílias I

Figura 10: Meme O papel das famílias II

Figura 11: Meme A relação aluno-professor

Figura 12: Concepções sobre o uso pedagógico da tecnologia

Figura 13: As especificidades da aula em ambiente doméstico I

Figura 14: As especificidades da aula em ambiente doméstico II

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	14
3. A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL E O SEU IMPACTO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	16
3.1 O VÍRUS.....	17
3.2 IMPLICAÇÕES DO DISTANCIAMENTO SOCIAL NO BRASIL: VISÃO GERAL.....	20
3.3 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL.....	22
4. DO SÉCULO XX AO SÉCULO XXI: O QUE MUDOU?.....	27
4.1 PÓS-INDUSTRIALISMO: UMA SOCIEDADE BASEADA NA INFORMAÇÃO E NO CONHECIMENTO.....	27
4.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS E A INVENÇÃO DA INTERNET: DIÁLOGOS ENTRE MANUEL CASTELLS E PIERRE LÉVY.....	32
5. CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UM OBJETO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR.....	36
5.1 COMUNIDADES VIRTUAIS E A COMUNICAÇÃO MEDIADA PELAS REDES SOCIAIS..	36
5.2 A MEMÉTICA E O MEME DA INTERNET.....	32
6. AS REPRESENTAÇÕES HUMORÍSTICAS DOS MEMES DA INTERNET SOBRE A EDUCAÇÃO NA PANDEMIA.....	43
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
8. REFERÊNCIAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

A educação básica no Brasil é objeto constante de análises, críticas e opiniões. No ambiente acadêmico ou fora dele, todos têm convicções sobre como alcançar a utopia de uma “escola de qualidade”. Com a chegada da pandemia de covid-19 no país, em 2020, nossa sociedade voltou ainda mais atenção para o tema, tendo em vista que além de problemas antigos, outras dificuldades surgiram a partir da suspensão das aulas presenciais imposta pelo distanciamento social. Entretanto, para debater as implicações educacionais da pandemia, torna-se necessário compreender outras mudanças sociais que ocorreram no mesmo período.

A primeira percepção que me provocou quanto ao tema foi a intensificação no consumo da internet para acomodar a nova rotina no ambiente doméstico, o que aumentou a demanda *on-line* por produtos, serviços, informação, entretenimento e comunicação. Esse fator culminou em algumas situações, como a acentuação da desigualdade no acesso à internet com qualidade. Conforme dados de 2020, a Agência Nacional de Telefonia (ANATEL) registrou uma alta de 31,6% nas reclamações do serviço de banda larga, com relação ao ano anterior. E apesar de este não ser um problema novo ou desconhecido no Brasil, o agravante da pandemia fica evidente quando a falta, ou a baixa qualidade do serviço, impossibilita ou atrapalha a rotina de trabalhadores e estudantes e contribui com o aumento do desemprego e das taxas de fracasso e abandono escolar da população em situação de vulnerabilidade econômica.

Outra dimensão desta nova realidade foi a intensificação do consumo de redes sociais, que se tornaram as principais ferramentas de interação, a partir do momento em que sair de casa não era uma opção “racional”. Não é à toa que a plataforma de vídeos Tik Tok, fundada em 2012, viu o número de usuários disparar pela primeira vez durante o distanciamento social, principalmente entre o público jovem. O medo do vírus, a distância de pessoas queridas, o tédio e a necessidade constante por informação são alguns dos motivos que podem ajudar a explicar a expansão no consumo dos conteúdos digitais.

Entretanto, o engajamento dos internautas trouxe junto a preocupação com outro aspecto muito importante: a saúde mental da população e a disseminação de desinformações sobre a pandemia. Considerando, que em momentos de fragilidade emocional, ficamos suscetíveis a comportamentos de risco, como o vício em conteúdos e conseqüentemente a exposição a informações falsas. Em se tratando da pandemia, vimos os efeitos deste fenômeno na mobilização de pessoas comuns em grupos negacionistas que tentaram boicotar as principais ferramentas de prevenção ao coronavírus, como o uso de máscaras e a adesão à vacina.

Em suma, pode-se dizer que se antes deste marco histórico, houve dúvida sobre a importância e influência do ciberespaço na sociedade, agora não há mais.

A partir das reflexões acima e de todas as possibilidades de recorte teórico que me ocorreram a partir delas, decidi trabalhar nesta monografia a dimensão do compartilhamento de experiências nas redes sociais durante o distanciamento social. Muitos acontecimentos da pandemia ficaram documentados nos *feeds*¹ dos perfis e páginas das mais diversas redes sociais e com a educação não foi diferente: o ensino remoto foi um dos temas comentados na internet durante o ano de 2020.

Entretanto, há desafios significativos para pesquisadores que escolhem a cultura digital como objeto de estudo, dentre eles: a quantidade de conteúdos postados de forma instantânea e transitória em diferentes formatos, bem como a dificuldade de mensurar seus efeitos no ciberespaço. A exemplo disso está a dinâmica de funcionamento dos algoritmos de engajamento das redes sociais: baseada no disparo de informações específicas a diferentes públicos de maneira simultânea, que muitas vezes impossibilita a identificação de sua origem, por exemplo, devido ao compartilhamento em cadeia.

Em destaque nos diferentes formatos de informação postada, está o meme, – conhecido genericamente como um conjunto de imagens, ilustrações textos e/ou vídeos curtos, geralmente com abordagem bem-humorada sobre situações comuns e significativas a um grupo de pessoas – que tem como principal característica a viralização e efemeridade. Particularmente, sempre utilizei redes sociais como Facebook, Instagram, Whatsapp, Twitter... Também sempre fui adepta dos memes na minha comunicação dentro de tais plataformas, por identificação com os assuntos de interesse pessoal, mas principalmente pela abordagem engraçada contida neles.

Para o meu foco de pesquisa, a ideia de analisar as narrativas presentes nos memes foi convidativa, pois se trata de um material que traz consigo elementos linguísticos de muita valia para identificar reações a determinados assuntos debatidos na internet. Me surpreendi, inclusive, ao descobrir que já existem livros com análises teóricas sobre este assunto e então decidi me debruçar no “discurso memético” sobre a pandemia. Mais especificamente no que foi repercutido sobre o ensino remoto desde o fechamento das escolas.

Neste contexto, observei a comunicação exercida através dos memes, partindo da hipótese de que este objeto de pesquisa pode ajudar a identificar as percepções dos sujeitos

¹ O feed de uma página na *Web* é qualquer tipo de conteúdo organizado, pelo qual o usuário pode percorrer (GOOGLE, 2023). O termo é muito utilizado para se referir aos conteúdos organizados nas redes sociais.

sobre as aulas remotas e sua relação com os acontecimentos recentes no tema - que acredito serem um marco na história recente da educação, devendo ser documentados e refletidos pela sociedade. Esta pesquisa considera que já existe uma consciência social sobre os desafios da educação escolar na pandemia, entretanto é necessário avaliar as consequências deles para as experiências individuais e coletivas com as aulas remotas. Neste sentido, as principais questões colocadas são: durante a pandemia, quais foram as representações sociais acerca do ensino remoto presentes nos enunciados dos memes? Como elas se relacionam ao contexto social e político do período pandêmico? O objetivo é analisar a relação interdiscursiva dos memes com o contexto social de pandemia, sistematizando os elementos identificados para a interpretação dos fenômenos educacionais recentes.

Os breves discursos dos memes na internet têm um impacto social significativo - já que o “*on-line*” como gostamos de chamar, não é um tempo/espaço alheio à realidade, mas faz parte dela possibilitando novas formas de interação social. Apesar do ceticismo ainda existente sobre a memética enquanto gênero com características bem definidas (LEAL-TOLEDO, 2017), diversos estudos trazem evidências sobre a sua relevância na cultura. É nesta mesma abordagem que se fundamenta este trabalho.

Em suma, o referencial teórico examinado durante a construção do projeto desta pesquisa, demonstra que há potencial na comunicação exercida pelo meme, a fim de representar concepções de mundo. O que significa, no tema escolhido, explorar experiências individuais e coletivas com o ensino remoto, sejam elas de estudantes, familiares e professores. Para tanto, a análise dos materiais será feita no último capítulo do trabalho, após a reflexão sobre fatores indispensáveis ao tema elencados na seguinte estrutura: Contextualização do primeiro ano de pandemia no Brasil e seu impacto na educação; Regate histórico do surgimento da Era Digital a partir das obras de Manuel Castells (1999; 2003), Pierre Lévy (1999) e Daniel Bell (1977); Considerações à respeito da interdisciplinaridade do objeto de pesquisa; E por fim a análise do corpus de memes, interpretando seus enunciados a partir de outros artigos acerca do ensino remoto emergencial.

Como estudante que vivenciou a experiência do ensino remoto desde o primeiro ano da pandemia, na UFSCar, posso dizer com convicção que este modelo de ensino é permeado por muitos desafios. Por isso, sem demasiada pretensão, espero que esta monografia possa contribuir com a produção científica sobre os novos desafios que a educação brasileira vem enfrentando.

2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A decisão por um objeto de pesquisa interdisciplinar, que abrange pelo menos 3 áreas de discussão - Sociedade Pós-Industrial, Cibercultura e a Comunicação - em um contexto complexo - A educação brasileira na pandemia - foi responsável por dificuldades na delimitação do tema/problema e na estruturação do próprio projeto de pesquisa que teve sua versão inicial reformulada após mudanças nos objetivos que interferiram na metodologia escolhida. Dois fatores ajudam a explicar a mudança: em primeiro lugar, a “Gula” na busca por referências (QUIVY, 1998) que dificultou a construção do recorte teórico e em segundo, o surgimento do interesse pelos memes como objeto de pesquisa após uma análise mais atenta aos formatos de conteúdos humorísticos sobre a pandemia circulando nas redes sociais.

Inicialmente a intenção era examinar o *corpus* a partir da metodologia da análise de discurso de linha francesa, mas devido ao tempo disposto para a pesquisa, não foi possível realizar o aprofundamento teórico necessário. Além disso, os rumos tomados durante a estruturação do trabalho deram ênfase a um exercício de revisão bibliográfica acerca da Era Digital e teoria memética, bem como na reconstituição de fatos da pandemia, a fim de relacioná-los com as representações discursivas coletadas. Sendo assim, foi necessário aplicar uma abordagem menos pretensiosa, de interpretar os enunciados dos memes sob a luz de publicações recentes dentro dos mesmos temas.

Para contextualizar o momento histórico em que o objeto de pesquisa se insere, a primeira parte deste trabalho foi concentrada na caracterização dos acontecimentos políticos e sociais que ocorreram no Brasil em decorrência da Pandemia. Neste âmbito, a pesquisa documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009) foi a primeira ferramenta a compor o processo de coleta de informações, auxiliando na reconstrução de datas, consulta de estatísticas e caracterização das políticas educacionais a partir de 2020, com o início das infecções no Brasil. Os formatos consultados foram em sua totalidade: notícias da imprensa digital, documentos legislativos e outros elaborados por organizações atuantes nas áreas da Saúde, Economia e Educação durante a Pandemia.

Por sua vez, as bibliografias escolhidas para o aprofundamento da categoria “Era Digital” - responsável pelo aparecimento de formas alternativas de comunicação na internet a partir dos anos 80 - se concentraram principalmente nas obras dos pesquisadores Pierre Lévy (1999) e Manuel Castells (1999; 2003), representantes de uma linha teórica otimista com as tecnologias digitais emergentes no século XXI e frequentemente citados em produções da área.

Por sua vez, o conceito de “Sociedade Pós-Industrial”, cunhado pelo sociólogo Daniel Bell (1977), auxiliou na caracterização do contexto pós-guerra que forneceu as condições necessárias para a ampliação do consumo das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) pelas instituições e entre a própria sociedade civil.

A inclusão do tema “humor” foi outro ponto importante da pesquisa bibliográfica, considerando o seu caráter indissociável ao objeto de pesquisa. Pois, a transformação de temas de relevância em piadas contribui com a construção de sentidos sobre o mundo a partir de referências culturais marcantes para um determinado grupo social. Neste sentido, as reflexões do capítulo 5 foram tecidas sob uma teoria do humor que defende a comicidade enquanto possibilidade discursiva (JERÓNIMO, 2015), permeada por aspectos psicológicos, culturais e históricos, capazes de causar a afetação do público com o debate de assuntos conectados à sua realidade. Para tanto, os elementos iconográficos assumem função tão importante quanto o texto escrito, pois rompem com a centralidade do texto escrito nos enunciados ao inserir uma série de informações e referências indispensáveis para a sua compreensão/interpretação: “mesmo uma imagem ou cena que prescindia de palavras explicitadas verbalmente para ser engraçada, é grandemente carregada de referências e significados” (BARROS, 2013, p. 40).

A escolha do recorte na coleta do *corpus* foi um processo complexo considerando dois aspectos cruciais que caracterizam o meme na comunicação virtual: viralização e efemeridade. Dentro das diversas bolhas estabelecidas nas redes, basta que o meme seja perspicaz o suficiente na retratação de um cenário de interesse coletivo, para causar a identificação entre os internautas e se espalhar em uma diversidade de páginas, tornando difícil encontrar um ponto de partida nas publicações, ou mensurar concretamente o seu alcance, mesmo com ferramentas de monitoramento das mídias. Em contrapartida, o alto fluxo de informações inerente à cibercultura, impacta as plataformas com uma emergência por temas “mais atuais” que culminam no rápido desaparecimento de memes sobre assuntos considerados já “ultrapassados” no *feed*. Como resultado, houve um esforço árduo em desbravar a internet na busca por memes que estiveram em alta há, no mínimo, 3 anos atrás.

Devido à complexidade do tema, não foi possível eleger uma única página da *Web* como fonte exclusiva de material, por isso optei pela utilização da plataforma de busca Google a partir de palavras-chave. Desta forma, foi possível recolher uma amostra adequada para a análise, capaz de representar alguma variedade de perspectivas acerca do Ensino Remoto na Pandemia da Covid-19.

3. A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL E O SEU IMPACTO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A morte foi solta e nós fomos presos.

-Felipe Demier

3.1 O VÍRUS

Sabendo que o tema desta pesquisa tem uma relação direta com os acontecimentos resultantes da pandemia mais recente na nossa história, proponho neste início um breve resgate histórico dos fatos que influenciaram diretamente nos desafios educacionais abordados adiante. Tracei uma breve linha do tempo a partir de informações divulgadas pela mídia e pelos órgãos de saúde, com o objetivo de recordar alguns fatos importantes da pandemia a partir de 2019 e que são relevantes para a compreensão da influência deste momento histórico na Educação.

A família dos coronavírus, como são denominados popularmente, foi batizada pela cientista escocesa June Almeida em 1967 (GOZZO, 2020). Curiosamente, a escolha do nome é uma referência às espículas virais que lembram uma coroa, daí, então, a derivação do latim *corona*. Anteriormente à pandemia, a comunidade científica já tinha conhecimento de ao menos 6 variações diferentes do coronavírus, com potencial de infectar Seres Humanos (HCoV). Deste grupo, dois deles eram considerados mais preocupantes, sendo monitorados continuamente devido ao seu potencial de causar síndromes respiratórias graves: o MERS-CoV e SARS-CoV, sendo o segundo, muito semelhante ao novo vírus identificado na China, que recebeu o nome de SARS-Cov2, responsável por causar a doença da COVID-19.

Primeiramente, é importante recordar que desde o início dos casos atípicos de Pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, nunca foi possível dizer que a pandemia do novo coronavírus foi completamente controlada. Também não existem conclusões consistentes sobre a origem das contaminações. A teoria mais aceita até o momento é de que se trata de uma doença zoonótica que foi transmitida para humanos através do consumo de animais contaminados. O marco inicial da identificação da doença, ocorreu em 31 de dezembro de 2019, quando as autoridades de Wuhan comunicaram oficialmente a Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre as contaminações com vírus até então desconhecido.

Em 5 de janeiro de 2020, a OMS divulgou publicamente a informação de 44 casos de pneumonia, com causas desconhecidas em Wuhan. E dois dias depois, a China informa a

descoberta de que o vírus causador das novas contaminações era da família conhecida como “corona”. O primeiro óbito registrado no país aconteceu no dia 9 do mesmo mês.

Até então, aqui no Brasil, a questão tinha pouca repercussão, sendo noticiada como uma realidade distante. Mesmo se tratando de um risco, agravado pelo espalhamento de diversos boatos e teorias da conspiração, o discurso dos canais de comunicação era fundamentado no “controle da situação” com as autoridades competentes empenhando ações necessárias para evitar o espalhamento da doença. Porém, os acontecimentos seguintes não confirmaram isso. Enquanto cientistas chineses ainda trabalhavam no sequenciamento genético do “novo” vírus, outros países também começaram a identificar casos de pneumonia em seus territórios.

Antes que o primeiro mês do ano de 2020 finalizasse, a OMS classificou o novo coronavírus como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII): “um evento extraordinário que pode constituir um risco de saúde pública para outros países devido a disseminação internacional de doenças; e potencialmente requer uma resposta internacional coordenada e imediata (OPAS, s.d.)” Como resposta às novas orientações, o governo federal brasileiro publicou no diário oficial, a lei 13.979 de 6 de fevereiro (BRASIL, 2020a), com o objetivo de ordenar as ações que poderiam ser adotadas no Brasil para a prevenção e controle do novo coronavírus. Dentre elas, o distanciamento social, definido como a separação de pessoas infectadas (sintomáticas ou assintomáticas) até o final da sua recuperação; a distanciamento social, para pessoas que tiveram contato com infectados e o distanciamento social como a restrição de atividades presenciais para prevenir propagação desenfreada do vírus.

Em 11 de março – mesma data em que o coronavírus passa a ser classificado como pandemia pela OMS – o Ministério da Saúde publica a portaria nº 356 (BRASIL, 2020b) com diretrizes para a operacionalização da lei 13.979 nos estados e municípios. Neste período, as regiões do país começam a planejar ações na tentativa de evitar o avanço desenfreado da doença e o conseqüente colapso do sistema de saúde. O decreto nº6 de calamidade pública (BRASIL, 2020c) entra em vigor a partir do dia 19 do mesmo mês, facilitando a administração de recursos financeiros da união com foco na pandemia, como a compra de insumos para o Sistema Único de Saúde (SUS) e a criação do auxílio emergencial para as famílias em situação de vulnerabilidade social.

O primeiro caso da doença em território nacional, foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020: se tratava de um homem com 62 anos de idade, cidadão paulista que voltou

de uma viagem à Itália. Já a primeira morte, divulgada pelo governo do estado de São Paulo, aconteceu no dia 16 de março de 2020, a vítima também idosa possuía comorbidades que agravaram a doença². Desde então, em abril de 2023, conforme o painel do Coronavírus divulgado pelo SUS, o Brasil soma aproximadamente 37,3 milhões de casos confirmados, enquanto o número de óbitos alcançou a marca de 700 mil. Infelizmente, o principal motivo para essa catástrofe se relaciona com a dificuldade de políticas coordenadas em âmbito nacional.

Um exemplo importante neste cenário é a instabilidade no Ministério da Saúde, que ao longo da pandemia teve 3 ministros desistindo do cargo em decorrência de conflitos com o poder executivo. Em todos os casos de demissão, houve algum desgaste polêmico no governo, decorrentes do conflito entre as decisões técnicas dos ministros e o negacionismo do presidente que chegou a recomendar o uso de tratamentos sem embasamento científico, como os medicamentos cloroquina e hidroxicloroquina (FERNANDES *et al.*, 2020). O ortopedista Luiz Henrique Mandetta esteve na função do início da pandemia até abril, sucedido pelo oncologista Nelson Teich, o militar Eduardo Pazuello e por fim o cardiologista Marcelo Queiroga que se manteve até o final do mandato de Bolsonaro em 2022.

Outras dificuldades marcantes na política, se relacionam com a falta de diálogo entre os três poderes (executivo, legislativo e judiciário) e entes federativos (união, estados e municípios), escândalos de corrupção envolvendo recursos financeiros na área da saúde, dentre outras situações. Como resultado, as normas sanitárias foram sendo implantadas de maneira tardia e descentralizada no país, com prefeitos e governadores tomando decisões, muitas vezes, contrárias ao governo federal. Não foi possível evitar o avanço da segunda onda de contaminações e o colapso do sistema de saúde com o pico de mortes no mês de abril de 2021, chegando a registrar 4.249 mortes no dia 8 (REUTERS, 2021). Há ainda a preocupação com a intensificação da polarização política e aumento da disseminação de notícias falsas (*fake news*), fenômenos agravados com a administração da pandemia no Brasil.

Mesmo com a piora nas contaminações durante o ano de 2021, o principal objetivo das autoridades era a retomada da economia. Para tanto, a imunização da população tornou-se a medida prioritária, sendo iniciada com uma cerimônia para a vacinação da primeira brasileira em 17 de janeiro: uma enfermeira no estado de São Paulo. Desde então foi possível identificar

² Alguns meses depois, através de uma nota de esclarecimento, o Ministério da Saúde ratifica que o primeiro óbito por COVID-19 ocorreu no dia 12 de fevereiro de 2020.

a retomada gradual de atividades presenciais em diversos estados e municípios, entretanto, após 9 meses de campanha, apenas 40% da população estava completamente imunizada (PORTAL G1³, 2021). Alguns dos problemas enfrentados até aqui, são: falhas logísticas na distribuição dos imunizantes e seus insumos (FERRARI, 2021) (VARGAS, 2021), superfaturamento em contratos de compra (BBC NEWS, 2021) e crescimento do movimento antivacina no país (FAPESP, 2021).

Muitos dos impasses políticos vividos no último ano são resultado de uma equivocada gestão governamental de oposição entre saúde e economia e não causaram apenas perdas irreparáveis de vidas, mas também o aumento do desemprego; o aprofundamento da insegurança alimentar e fome; fechamento de empresas; a sobrecarga na saúde pública e o aumento da inflação. Esses exemplos demonstram a dificuldade do Estado tanto na garantia da vida dos cidadãos, quanto da saúde da economia nacional.

3.2 IMPLICAÇÕES DO DISTANCIAMENTO SOCIAL NO BRASIL: VISÃO GERAL

O surgimento da Covid-19 em um contexto histórico de alta dependência das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) nas atividades sociais, é por si só, um aspecto decisivo para fazer desta pandemia um acontecimento inédito frente a outros já superados pela humanidade. A ocorrência de uma crise sanitária nessas proporções sem o avanço científico e tecnológico alcançado na era da Informação teria sido suficiente para causar um cenário ainda pior, de guerra, como ocorreu na Europa do século XIV com a Peste Negra. O impacto causado pela necessidade de distanciamento social, aliado à alta disseminação da internet, ajudou a incentivar modos de vida cada vez mais conectados, pois a “navegação” na rede se tornou o principal vínculo individual com a família, o trabalho, os estudos, o lazer e com a própria saúde. De maneira geral, é possível dizer que estamos presenciando o remodelamento da cultura nas sociedades contemporâneas.

Indicadores divulgados durante o período de distanciamento social pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2021) apontam um crescimento exponencial no consumo de internet no Brasil após o início da

³ Devido a restrições do governo federal na divulgação de dados sobre a pandemia, a imprensa brasileira uniu forças em uma parceria para a sistematização de informações publicadas pelas secretarias da saúde de todos os estados, denominada como “Consórcio de veículos de imprensa” e formado por Estadão, g1, O Globo, Extra, Folha de S.Paulo e UOL.

pandemia. Dialogando com o conceito de “nativos digitais”⁴, o perfil de acesso ainda é predominantemente jovem, mas está vinculado a outras categorias como classe social (A e B) e localização (Zonas Urbanas). Mesmo entre a população mais afetada pela exclusão digital, o aumento no número de residências conectadas e usuários se repetiu de maneira proporcional com aumento no investimento em dispositivos e pacotes de rede de internet:

sobretudo entre os moradores das áreas rurais (de 53% em 2019 para 70% em 2020), entre os habitantes com 60 anos ou mais (de 34% para 50%), entre aqueles com Ensino Fundamental (de 60% para 73%), entre as mulheres (de 73% para 85%) e nas classes DE (de 57% para 67%). (CETIC, 2021).

Este movimento pode ser interpretado principalmente como resultado da interrupção de serviços essenciais no modelo presencial e sua migração para o ambiente virtual, ocasionando a adoção de práticas já conhecidas, mas até então não disseminadas em larga escala no país, como: o *home office*, o ensino à distância (EAD), realização de transações bancárias através de aplicativos, a telemedicina, as plataformas de *streaming*, jogos *on-line*, e o próprio *e-commerce*. Obviamente, que a adoção dessa nova cultura não aconteceu de forma homogênea, pois a utilização das ferramentas disponíveis está diretamente relacionada com as motivações e demandas inerentes aos diferentes perfis de usuários. Por outro lado, o acentuamento da relevância da rede a partir da atual crise sanitária, apenas acelerou uma tendência de universalização da rede, que no Brasil acontecia a passos lentos nas últimas décadas.

A intensificação da permanência *on-line* criou oportunidades de mercado durante o distanciamento social, o que mudou a postura do capital na gestão da rede em favor do seu crescimento. Neste contexto, as *startups* - como a Uber (aplicativo de caronas), Ifood (delivery de refeições) e similares - que buscavam espaço, se tornaram gigantes no setor de serviços, enquanto os monopólios de tecnologia - como a Google, o Facebook e a Amazon - expandiram o seu faturamento e influência no mesmo período de recessão econômica responsável pelo endividamento de nações em todo o mundo para a contenção dos efeitos da pandemia. Há uma relação intrínseca entre a expansão desta nova indústria inteiramente digital e o agravamento

⁴ O termo, cunhado pelo escritor Marc Prensky, é usado para descrever as gerações nascidas na era digital que possuem um grande conhecimento e habilidade com a tecnologia e estão acostumados com a troca constante de informações, a multitarefa e a comunicação instantânea, diferentemente dos imigrantes digitais, que nasceram antes deste processo e precisaram se adequar a ele (COELHO, 2012).

das desigualdades sociais mundialmente, que têm resultado na uberização do trabalho (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020).

No Brasil, o rastro deixado pela crise política dos últimos anos agrava os efeitos da pandemia sobre a população. Desde 2016 está em curso uma agenda ultra neoliberal assumida pelos governos de Temer e Bolsonaro - após o golpe de Estado contra a Ex Presidente Dilma Rousseff - que resultou na fragilização da seguridade social: Aumento do desemprego⁵, volta da fome⁶ e excesso de mortes por Covid-19⁷. Com a reforma trabalhista aprovada em 2017, o Estado reduziu a responsabilidade do empresariado com direitos trabalhistas – cedendo à pressão do mercado - através da criação de novas categorias de trabalho cada vez mais precárias e flexibilizadas. O resultado foi a migração da população desempregada para a informalidade, sob o pretexto de maior liberdade e atitude empreendedora. Em suma, é possível avaliar que, ao contrário do que defende o discurso midiático, a pandemia da Covid-19 não foi o principal motivo pelas mazelas sociais que o mundo tem enfrentado, trata-se apenas de mais um evento histórico que escancarou os efeitos nefastos do sistema econômico atual.

A área da educação também sofreu consequências. Desde o início de 2020 até o final de 2021, as escolas de educação básica não puderam reabrir completamente. As modalidades de ensino remoto e híbrido perduraram por mais de 1 ano com educadores trabalhando sem a infraestrutura necessária e com falta de acesso às tecnologias adequadas. Estes são alguns aspectos que serão analisados a seguir.

3.3 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Não é a primeira vez que as autoridades brasileiras precisam recorrer à decisão de suspender as aulas presenciais em decorrência de uma pandemia ainda sem tratamento farmacológico. Durante o surto de gripe espanhola, em 1918, os prédios escolares e religiosos do estado de São Paulo, chegaram a ser utilizados como hospitais improvisados (ECAR, 2020)

⁵ Em 2021, aconteceram aproximadamente 377 demissões por hora no Brasil (PAPP, 2021). As manchetes dos jornais retratavam um cenário desolador de fechamento de pequenos negócios, demissões em massa de trabalhadores formais e redução da carga horária daqueles que mantiveram suas ocupações.

⁶ O Brasil retornou para o mapa da fome da ONU em 2022, a inflação sobre o preço dos alimentos disparou e notícias chocantes se espalharam durante a pandemia com denúncias sobre a disputa por restos em açougues (TURTELLI, 2022).

⁷ Em 24/02/2023 o painel do Coronavírus organizado pelo SUS (Sistema Único de Saúde), somava aproximadamente 698 mil mortes por Covid-19 no Brasil. E considerando o fenômeno da subnotificação, é possível dizer com certeza que o total real é ainda maior.

em um cenário quase profético sobre os acontecimentos recentes. Entretanto, aquele momento atípico não durou mais do que 4 meses.

Diferentemente, em setembro de 2021 as aulas presenciais já estavam interrompidas a mais de um ano, em decorrência da Covid-19 e sem previsão de retorno. Ao todo, são 179.533 escolas de educação básica espalhadas pelo país, sendo 138.487 públicas e 41.046 privadas, atendendo juntas a aproximadamente 47,2 milhões de estudantes⁸. Com a flexibilização das regras de distanciamento social nos estados da federação, em 2021, muitas destas instituições optaram por avançar para o atendimento híbrido – que prevê a volta parcial das aulas presenciais e continuidade do ensino remoto. Contudo, não foi uma decisão uniforme no país, tendo em vista a descentralização nas políticas da pandemia. Infelizmente, com os baixos níveis de vacinação, as notícias sobre surtos de Covid-19 em escolas se tornaram recorrentes, inclusive na cidade de Sorocaba-SP (SCINOCCA, 2021) onde situa-se um dos *campi* da UFSCar.

É importante considerarmos que a adoção do ensino remoto não escapou das disputas políticas na pandemia. Dentro da comunidade científica, foi feito um destaque para a importância de um debate aberto sobre as aulas *on-line*. Em nota, a ABAIf (Associação Brasileira de Alfabetização), com endosso da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), defendeu a priorização do direito à vida sobre quaisquer outras demandas, bem como a análise cuidadosa da realidade educacional do país – desigualdade tecnológica, formação de professores e condições de trabalho – antes da aprovação de quaisquer propostas.

Na mesma perspectiva, a ANPED em parceria com a ABRASCO (Associação Brasileira de Saúde Coletiva) publicaram em outubro de 2020 o Manifesto “Ocupar escola, proteger pessoas e Valorizar a Educação”, assinado por 59 entidades das áreas da saúde e educação. O texto defende que o pleno acesso à educação depende da garantia de outros direitos básicos, que vão além da viabilização das aulas *on-line* e fornecimento de equipamentos, dentre eles: a alimentação, saneamento básico, segurança e infraestrutura adequada. Portanto, seria necessário um conjunto de ações coordenadas e um amplo diálogo com as comunidades escolares do Brasil, para o atendimento adequado às suas demandas.

Em carta aberta publicada pouco antes da “segunda onda” de contaminações no país, pesquisadores do Observatório Covid-19 BR também se posicionaram contrariamente à

⁸ Dados disponíveis no Painel de educação básica no contexto da pandemia, Ministério da Educação (<https://painelcovid-seb.mec.gov.br/>).

abertura das escolas em 2021, devido à falta de estrutura sanitária para tal. O texto sugere uma lista de cuidados necessários para que o ensino presencial fosse possível novamente, dentre eles a testagem em massa e a redução de casos nas comunidades escolares.

Seguindo na contramão, as organizações multilaterais consideraram como prioridade a contenção dos prejuízos educacionais ocasionados pela pandemia. Ressaltando a importância da continuação das atividades escolares à distância, a fim de evitar a interrupção do desenvolvimento cognitivo e a perda dos conhecimentos já adquiridos pelos alunos. Sendo assim a distribuição de equipamentos, a popularização do acesso à internet, treinamento de profissionais e adaptação do currículo foram colocadas como algumas das soluções mais viáveis para o momento. Um dos documentos com este viés é o relatório elaborado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2020), publicado como um guia de respaldo às decisões educacionais em diferentes nações.

Em meio a este debate, uma sequência de dispositivos legais foi aplicada no Brasil. Ainda em 17 de março a Portaria nº 343 do MEC (BRASIL, 2020d), autorizou em caráter emergencial e provisório, a substituição de aulas presenciais pelo ensino remoto nas instituições de nível superior, seguida da medida provisória, nº 934 de 1 de abril (BRASIL, 2020e), que aumentou a sua abrangência para a Educação Básica. Posteriormente, a Lei 14.040 de 18 de agosto (BRASIL, 2020f) viabilizou a adoção de normas educacionais específicas, enquanto durasse o período de calamidade pública. Para implementação das novas legislações, o Conselho Nacional de Educação (CNE), elaborou uma sequência de pareceres, prevendo dentre outras coisas: a reorganização do calendário escolar no contexto da pandemia (BRASIL, 2020g), orientações específicas para a realização de aulas e atividades (BRASIL, 2020h), e a operacionalização das novas diretrizes educacionais (BRASIL, 2020i).

Todos esses debates e decisões políticas aconteceram de maneira abrupta, tendo em vista a gravidade da pandemia e a urgência por respostas. Mesmo com as críticas, a transição para o ensino remoto aconteceu, inclusive no sistema público de ensino, logo após o fechamento das escolas. Obviamente a qualidade dessas mudanças exigiram mais investimentos em Educação, para formação de professores, aquisição de equipamentos, instalação de internet, dentre outras necessidades. Contudo, o orçamento e as despesas anuais do MEC em 2020 foram as menores desde 2011 (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020), com uma execução de apenas 71% dos 42,2 bilhões disponíveis em orçamento.

No âmbito dos estados também houve problemas. Segundo a Rede de Pesquisa Solidária (2021), a flexibilização das responsabilidades fiscais dos governos estaduais para com

a União permitiu a suspensão de pagamentos de dívidas e a utilização das verbas recebidas para atender as demandas consideradas mais urgentes em áreas como saúde, segurança e educação. Porém, os estados falharam na administração do dinheiro nas escolas. Além disso, os critérios do governo federal para distribuição desses recursos, baseadas no valor do PIB per capita, prejudicou as regiões mais pobres que necessitavam de maiores investimentos. Conseqüentemente, os estados desenvolvidos que já contavam com infraestrutura prévia em comparação a outros, foram capazes de oferecer melhores resultados no ensino remoto.

As fontes analisadas demonstram que o cenário educacional de 2020 a 2021 foi de grandes prejuízos nas comunidades escolares. As políticas adotadas neste período contribuíram em grande medida com o setor privado, como é possível identificar nas diretrizes legais adotadas. Tais políticas priorizaram a manutenção da carga horária letiva, independente condições desiguais para o seu cumprimento. Um exemplo ilustrativo disso, foi a resistência do governo para o cancelamento de provas de larga escala como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que tiveram apenas o adiamento da data da aplicação. Causando aglomerações em um momento ainda muito arriscado da pandemia e contribuindo com as desigualdades no Ensino Superior.

Esta administração ineficiente da crise, contribuiu com a descrença das famílias para com o ensino público, ao mesmo tempo que ajudou a impulsionar a rede de ensino privada e o setor de serviços tecnológicos para a implementação do ensino remoto via internet, rádio e televisão, tudo pelo cumprimento da carga horária letiva. Por causa de exemplos como estes, que não são recentes, pesquisadores já alertam há alguns anos sobre o avanço de um projeto de financeirização da educação básica: seja por vias da influência empresarial nas políticas educacionais, através da apropriação de projetos progressistas como a Gestão Democrática (ROSSI, 2001), seja aproveitando demandas sociais, como a pandemia, para a ampliação do lucro destes mesmos setores (GALZERANO, 2021).

O que interessa nesta pesquisa são as conseqüências desses fatos no contexto micropolítico do cotidiano dos sujeitos. Pois o resgate dos acontecimentos comprova que o debate sobre a função da escola na pandemia não chegou até as pessoas que mais dependiam dele. Não houve o investimento necessário e muitas ações aconteceram tardiamente, contribuindo com uma série de problemas prévios a este período, como: o fracasso e abandono escolar, em decorrência da desigualdade tecnológica e falta de supervisão adequada para as

aulas; insegurança alimentar e fome⁹, como consequência da falta de acesso à merenda; aumento da violência infantil (física, psicológica e/ou sexual) no caso de alunos que convivem com agressores na família; e trabalho e exploração infantil que atingiu crianças que precisaram ajudar a gerar renda em seus lares ou ficaram mais expostas a grupos criminosos por estarem fora da escola. Apenas para citar alguns exemplos.

Os desafios para professores e gestores também foram imensos. Trabalhando em *home office*, o período de atividades se estendeu bem como a quantidade de tarefas para corresponder ao novo formato de ensino, dentre elas: o investimento em equipamentos; adequação a plataformas *on-line* antes não utilizadas; produção de materiais didáticos adaptados em diversos formatos e orientação às famílias acerca da nova rotina escolar. Tudo isso, em meio a uma crise sanitária com grandes implicações na vida pessoal destes profissionais. Os danos desta experiência se traduzem no aumento do estresse profissional e maior ocorrência de transtornos como Burnout, por exemplo.

Os fatos elencados até aqui, delimitam o contexto histórico, político e social em que esta pesquisa se insere. As fontes oficiais citadas – sejam de notícias, banco de dados ou artigos – atestam a dificuldade das instâncias governamentais em mediar a crise sanitária no Brasil. Por outro lado, coloca como um desafio analítico nesta pesquisa a identificação das experiências de alunos, responsáveis e educadores com o ensino remoto emergencial no período em que as instituições de ensino estiveram fechadas. Devido ao recorte teórico deste trabalho, os próximos capítulos estarão dedicados a explorar a história da internet, o surgimento da era da informação e a função das redes sociais, e finalmente analisar os memes enquanto meio de produção e reprodução de discursos dos diferentes sujeitos atuantes no período das aulas remotas durante a pandemia.

⁹ Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan: <http://olheparaafome.com.br/>), a fome no Brasil já é uma epidemia. De 2018 a 2020, o número de pessoas em situação de insegurança alimentar grave, foi de 10,3 milhões para 19,1 milhões. Dados que incluíram o país novamente no mapa da fome.

4. DO SÉCULO XX AO SÉCULO XXI: O QUE MUDOU?

4.1 PÓS-INDUSTRIALISMO: UMA SOCIEDADE BASEADA NA INFORMAÇÃO E NO CONHECIMENTO

Neste capítulo, serão analisados aspectos sociais, educacionais, políticos e econômicos que acompanharam o surgimento do atual período conhecido como “Era Digital” ou “Sociedade Pós-Industrial”. Buscando fugir de estereótipos e fatalismos, o debate sobre a cibercultura e sua relevância precisa estar fundamentado na relação das TICs com a prática humana e não isolada dela. Portanto, as reflexões trazidas neste subtópico, ajudam a compreender a excepcionalidade histórica de uma pandemia em um contexto histórico de sociedades hiper conectadas através da internet.

Após o término da Guerra Fria, as tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) se tornaram protagonistas na construção de uma nova fase da globalização no mundo capitalista através do acesso massificado à informação em tempo real e da produção de conhecimento como bens mais valiosos do que as próprias mercadorias, trazendo novos parâmetros para o consumo. O encurtamento das distâncias se acentua com a utilização de meios de transporte de alta performance e a ampliação das ferramentas de comunicação pela internet a nível mundial. Pela primeira vez na história, o tempo e o espaço deixam de representar uma dificuldade nos negócios com a difusão de uma série de invenções a partir da década de 70: satélites, microcomputadores e seus sistemas operacionais, microprocessadores, fibra óptica, videocassetes e a própria internet (CASTELLS, 2003).

A produção, comercialização e consumo destas tecnologias entre a sociedade civil representaram uma faceta importante de um novo marco histórico: o pós-industrialismo. Para Daniel Bell (1977) este processo aconteceu em três estágios: 1. O desenvolvimento da indústria, que ocasionou em uma demanda maior por serviços auxiliares de apoio à produção, maior capacidade logística e aumento da mão de obra não-manufatureira, mas ainda assim operária; 2. O consumo em massa e desenvolvimento das populações que ocasionou em um volume maior de distribuição de bens no varejo e atacado; 3. Aumento das rendas nacionais intensificando a demanda por artigos duráveis, de luxo e de lazer. O envelhecimento da população fortalece a reivindicação pela abrangência e qualidade de serviços públicos (educação, saúde, segurança e pleno emprego) enquanto responsabilidade do Estado.

No campo econômico, há de se considerar nas décadas anteriores, uma série de crises financeiras que afetaram drasticamente o capital, como: A Grande Depressão de 1929 resultante de um sistema de superprodução adotado pelos EUA após o fim da 1ª Guerra Mundial; A crise do petróleo iniciada em 1973 que ocasionou na alta do preço da matéria-prima por anos; E a inflação alta após a 2ª Guerra Mundial. O modelo Neoliberal aparece como resposta do capital para a redução do Estado Intervencionista no Mercado Financeiro e seus impactos sobre os lucros. A partir deste ponto há um enfraquecimento exponencial dos sindicatos, uma disputa do setor privado por fundos públicos e a criação de um exército reserva de mão de obra como ações para a autorregulação do mercado (ISOGLIO, 2021).

Segundo Pierre Lévy, a participação política e a manutenção da democracia também se reconfiguraram com as tecnologias digitais (roda viva, 2001)¹⁰. Para pessoas comuns, se abre a possibilidade de acompanhar os acontecimentos do mundo inteiro instantaneamente, bem como compartilhar a própria realidade através da internet, expondo problemas e cobrando ações das autoridades. Neste contexto, o ciberespaço se constrói como uma extensão do mundo concreto e um banco de dados com informações históricas que podem ser acessadas de qualquer lugar e a qualquer momento, ampliando as possibilidades para o exercício da cidadania. Por outro lado, os meios de comunicação também passam a servir aos interesses de seus detentores - grupos políticos e a própria indústria - que se apropriam da criação de conteúdos aliadas às estratégias publicitárias, para manipulação da opinião pública e criação de necessidades artificiais de consumo.

O impacto causado pela ampliação do alcance da comunicação no mundo globalizado também incide sobre a cultura com o surgimento de um fenômeno denominado por pesquisadores como “Mundialização da Cultura” (BELLONI, 2022). Nele, os hábitos, os costumes, a estética, as tradições e valores de diferentes grupos sociais se aproximam e se entrelaçam de tal forma que se torna difícil de delimitar os traços culturais originais de cada um deles. Se à primeira vista esta nova realidade viabiliza a integração de povos e a valorização da diversidade, uma análise mais atenta traz preocupação sobre um processo em curso, de homogeneização da cultura através da imposição de alguns modos de vida sobre outros, o fortalecimento de estereótipos negativos sobre nações e etnias e o apagamento dos povos tradicionais.

¹⁰ Em entrevista ao programa Roda Viva em 2001, o autor discute o exercício da democracia por meio da internet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzfKr2nUj8k>

Para tanto, as diferentes linguagens artísticas - a música, a moda, o cinema, o teatro, a fotografia etc. - se configuram como artífices da indústria cultural servindo a interesses de mercados que se expandem e ampliam sua influência internacionalmente com a intenção de monopolizar a produção e a oferta de serviços - É o caso de grifes de moda, franquias de fast food e a indústria farmacêutica, apenas para citar alguns exemplos. Ainda, segundo Belloni (2022):

A estratégia de mercado mundial busca, por meio da publicidade, criar segmentos mundiais de consumidores, criando necessidades, transplantando costumes e símbolos de uns países para outros, generalizando-os em escala planetária (p. 41).

Tais demandas criadas pelo modelo Pós-Industrial, que segundo Bell (1977) caracterizaria as sociedades do século XXI, tornou necessário a produção de um novo perfil de trabalhador em que conhecimento fragmentado e a atividade repetitiva e manual cederiam espaço para habilidades altamente técnicas, intelectuais, criativas e autônomas. A mão de obra submissa e desqualificada não interessa mais a partir deste ponto. As exigências aumentam a tal ponto com o passar das décadas que hoje, mesmo para funções operacionais, existe um alto nível de expectativa das empresas quanto à formação de suas equipes, que incluem, por exemplo, a fluência em um segundo idioma e formação cada vez mais técnica.

Por sua vez, na educação, as escolas deixam de ser espaços privilegiados para a divulgação do saber - Tendo em vista a popularização das ferramentas de busca *on-line* e a imensidão de conteúdos disponíveis para aprofundamento em diferentes áreas. Entretanto, manteve-se o interesse do empresariado no controle do currículo para que os conteúdos e a própria cultura escolar atendam a demanda por um “capital humano” adequado às suas necessidades e interesses (PAIVA 2001). O aumento do consumo de tecnologias nesta nova realidade, também envolve uma questão geracional: os alunos conhecidos como nativos digitais estão se relacionando de uma maneira com as TIC, as gerações anteriores de imigrantes digitais - composta por boa parte dos responsáveis pelas crianças e adolescentes – ainda não aprenderam a lidar com a lógica do mundo virtual, nem com os perigos e desafios que o ciberespaço além de não possuir a mesma desenvoltura na utilização dos dispositivos. Algumas das inquietações recorrentes têm sido: o conteúdo acessado pelos alunos, tempo de tela, moderação do acesso, volume das atividades *on-line*, experiência com as plataformas utilizadas para aula.

Tal debate sobre os desafios impostos pela sociedade do século XXI à educação, é permeado por uma descrença quanto à capacidade do Estado em dar conta desta complexidade

com um sistema de ensino público precarizado há anos, em um país com dimensões continentais como o Brasil. É nesta brecha que conglomerados de capital aberto se expandem de forma acelerada¹¹, ofertando serviços e produtos no setor educacional, se beneficiando inclusive de recursos públicos através da venda de materiais didáticos e outras “soluções educacionais” em nível municipal, estadual e mesmo nacional através de diversos programas, como é o caso do PNLD (Programa Nacional do Livro e Material Didático) conforme denúncia Caimi (2018). De forma conjunta, se fortalece entre a sociedade civil o senso comum de uma suposta superioridade de instituições particulares na Educação Básica.

Na mesma direção, é importante lembrar do papel das organizações multilaterais e organizações sem fins lucrativos na manutenção desse modelo econômico e educacional no Brasil, por seu esforço em aliar as necessidades do mercado financeiro com as demandas da população fazendo parecer que há uma relação de interdependência entre a expansão do setor e o direito à educação (SILVEIRA, 2007). Atualmente, a concretização destas influências no Brasil, aparece inclusive na gestão de escolas públicas, seja através da BNCC com suas competências e habilidades, ou na Reforma do Ensino Médio com o itinerário formativo que prioriza a formação das classes populares para o mercado de trabalho em detrimento de uma formação intelectual.

Já no Ensino Superior, as universidades e centros de pesquisa ocupam a posição de principais responsáveis pela produção científica da qual a indústria depende para se manter. Mas no âmbito das instituições públicas existem tentativas constantes de controle de suas atividades devido à ameaça que representam para uma hegemonia das ideias liberais. Neste contexto, ofertas de parcerias público-privadas para financiamento da produção acadêmica são comuns, bem como a adoção de políticas que diminuam a responsabilidade do Estado com as instituições de Ensino Superior públicas, para que em alguma medida possam servir interesses do empresariado.

No Brasil, o recente Projeto de Lei “Future-se”, criado em 2019 pelo Ministério da Educação (MEC) do governo Bolsonaro, seguia a tendência desta agenda neoliberal: Tendo sido apresentado em um ano de contingenciamento no orçamento das universidades - resultado da PEC 241 (BRASIL, 2016j) que ameaça anualmente a continuidade de diversos serviços

¹¹ Em uma publicação de 2021, a revista Forbes listou 9 empresários que se tornaram bilionários atuando no mercado educacional brasileiro, representando os principais conglomerados no segmento: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/09/9-bilionarios-brasileiros-que-fizeram-fortuna-no-setor-de-educacao/>

públicos - a proposta tinha como objetivo a adesão de recursos privados como incentivo às atividades de ensino e pesquisa. Apesar de reformulado e aberto para consulta pública por duas vezes, o texto da Lei foi duramente criticado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, devido à sua falta de correspondência com os problemas concretos das Universidades, risco de perda da autonomia na gestão das instituições e a proposição de ações já concretizadas em leis anteriores (ANDIFES, 2019).

A Exclusão Digital se apresenta como outro desafio polêmico, que acompanha o desenvolvimento das TIC no mundo globalizado, considerando que a popularização de dispositivos e ferramentas digitais por si só não garantem a utilização autônoma da rede e nem previnem a exposição de usuários a uma série de situações perigosas, desde golpes financeiros até exposição a notícias falsas - É necessário que usuários aprendam sobre a estrutura da internet e sua lógica de funcionamento para navegar de maneira mais segura. Além disso, é preciso considerar que mesmo a distribuição não vem ocorrendo de maneira uniforme entre as classes sociais, culminando na limitação da atuação cidadã de minorias em um momento de ampliação das possibilidades para o exercício da cidadania pelas redes sociais. Silveira (2008) defende que o termo

(...) trata do aumento das desigualdades já existentes, da ampliação das distâncias sociais, a partir do uso de tic. (...) Exclusão digital refere-se ao bloqueio do direito à comunicação em rede. Trata-se, principalmente, de um mecanismo econômico que impede o acesso da maioria dos cidadãos (p. 54).

Mesmo que autores otimistas, como Lévy (1999), argumentem sobre o barateamento dos dispositivos no mercado de eletrônicos como um processo inevitável e indissociável da inclusão digital, é inegável que segundo a lógica do capital sempre haverá uma desvantagem econômica na base da pirâmide social, quanto ao poder de compra. Nesta parte significativa da população, ainda se apresentam uma série de outras dificuldades: o atendimento inadequado ou inexistente das empresas provedoras de internet em determinadas regiões e o analfabetismo digital que inviabiliza o acesso à informação de forma autônoma e atenta para os perigos do ciberespaço, como é o caso dos golpes e das fake news.

4.2 TECNOLOGIAS DIGITAIS E A INVENÇÃO DA INTERNET: DIÁLOGOS ENTRE MANUEL CASTELLS E PIERRE LÉVY

O ceticismo e o medo em relação ao uso de novas tecnologias não é novidade na história. O movimento Ludista¹², inaugurado no final do século XVIII na Inglaterra durante a primeira Revolução Industrial, é um exemplo clássico da máquina compreendida como inimiga em um momento que trabalhadores atribuíram ao processo de automatização das fábricas, a culpa pela precarização das suas condições de trabalho e decidiram que a solução mais efetiva seria a destruí-las. Apesar deste e outros exemplos que representam uma concepção pessimista sobre os supostos “impactos sociais” e políticos ocasionados pelo desenvolvimento de novas tecnologias; nos séculos seguintes se consolidaria como um período conhecido como “era digital” caracterizando as sociedades contemporâneas, a partir dos anos 1990.

Por sua vez, também é possível encontrar referências otimistas em relação às tecnologias digitais nos campos acadêmico e cultural, que costumam explorar as facilidades proporcionadas por novas técnicas e ferramentas digitais na realidade social, não poucas vezes interpretando essas novidades como “revolucionárias”. O autor de ficção científica Isaac Asimov (1920-1992) é um famoso representante desta vertente, integrando conceitos da robótica e da computação em suas obras de maneira ímpar, quase profética. No ano de 1988, pouco antes da popularização da internet, o autor fez a seguinte declaração em uma entrevista com o jornalista Bill Moyers:

Uma vez que tenhamos canais, computadores em cada casa, cada um deles ligado a “bibliotecas” enormes, onde qualquer pessoa possa fazer perguntas e ter respostas, obter materiais de referência sobre qualquer assunto em que esteja interessada em saber desde a sua infância. Por mais bobo que pareça para alguém, é o que você está interessado, e você pode perguntar, descobrir e pode seguir o assunto. Você pode fazê-lo em sua própria casa, no seu ritmo, na direção que quiser e em seu próprio tempo. Então todos gostarão de aprender.

No momento desta declaração, a rede de internet já havia sido criada e caminhava em direção a novas maneiras de comunicação e acesso à informação que superariam os limites da era analógica do rádio e da televisão, trazendo concretude para projeções como esta em pouco

¹² O movimento Ludista, iniciado durante a Revolução Industrial, foi organizado por trabalhadores ingleses insatisfeitos com a tecnologia a precarização do seu trabalho e a extinção de determinadas funções. Logo, destruir estes equipamentos era a principal estratégia e ideal do movimento (BECK; ROCHA, 2020). implementação de máquinas no processo produtivo das fábricas, pois atribuíam ao avanço

tempo. Em suma, o pessimismo e otimismo tecnológico historicamente interagem a partir da ideia de causa e consequência entre o desenvolvimento de novas *cyber* tecnologias e os efeitos de sua utilização na cultura social. Obviamente, nesta lógica é perfeitamente possível encontrar aspectos positivos e negativos que fomentem o debate sobre o tema. Entretanto, esta dualidade na forma de analisar as tecnologias digitais ignora fatores importantes, como a relação intrínseca entre a criação de novas técnicas e a intencionalidade humana.

Pierre Lévy sugere que, em vez de enfatizar o impacto das tecnologias, poderíamos igualmente pensá-las como produto de uma sociedade e de uma cultura no lugar de compreendê-las puramente como boas ou más. Sua existência é resultado de uma relação mútua entre as possibilidades que gera, e os usos aplicados intencionalmente pelo Homem. Afinal de contas, é parte da condição humana a capacidade de construir ferramentas que possibilitem uma ação transformadora sobre o mundo. Não se trata apenas da influência exercida pelas diferentes técnicas, mas também dos objetivos envolvidos na sua utilização. Desta forma, o autor reforça que:

As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre a tecnologia (que seria da ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas (LÉVY, 1999, p. 23).

A própria história da internet é ilustrativa desta proposição ao observarmos os interesses antagônicos vindos do âmbito científico e militar, quanto às possibilidades que o uso de uma rede de conexão entre computadores poderia proporcionar. Em um contexto de Guerra Fria, após o lançamento do primeiro Sputnik em 1957 pela União Soviética, os Estados Unidos se empenharam em uma resposta capaz de comprovar uma superioridade tecnológica perante o inimigo. Para tanto, o Departamento de Defesa do governo americano inaugura no ano seguinte a Agência de Pesquisas em Projetos Avançados, popularmente conhecida como ARPA¹³, composta por vários segmentos de pesquisa acadêmica. Foi em um dos seus setores que a primeira versão da internet foi criada em 1969: a ARPANET (CASTELLS, 2003).

Apesar dos interesses políticos, hegemônicos e cruciais para a disponibilidade de recursos e aprovação popular desta nova tecnologia, a vontade de revolucionar os meios de comunicação através da popularização do uso do computador era um sonho mais antigo de alguns setores da sociedade e inclusive entre os cientistas da computação atuantes na ARPA. E

¹³ Conhecida originalmente como Advanced Research Projects Agency Network

nesta perspectiva, a possibilidade de uma rede de compartilhamento de informações nada tinham em comum com as estratégias militares que financiaram o projeto. Os próprios estudantes de pós-graduação envolvidos na construção da ARPANET, a utilizavam para lazer, como a criação de chats privados para interação com assuntos de interesse comum (CASTELLS, 2003).

Neste ponto, a internet ainda era uma rede limitada aos computadores das universidades e centros de pesquisa, estando restrita àqueles que atuavam em conjunto com o governo durante a corrida armamentista na guerra. A expansão da rede entre a sociedade civil, aconteceu após o cumprimento do objetivo estadunidense sobre a União Soviética em 1980 em comprovar sua “superioridade” tecnológica e dependeu de alguns fatores importantes além do campo político/militar, dentre eles a utilização de códigos-fonte abertos que posteriormente permitiram a atuação coletiva de programadores no desenvolvimento e complexificação da rede, bem como a comercialização da nova tecnologia para a iniciativa privada que viabilizou a ampliação do seu uso entre milhões de pessoas comuns a partir dos anos 90 (CASTELLS, 2003).

Através destes processos, a virtualidade, enquanto conteúdo intangível, mas com influência concreta sobre a sociedade, mas também influenciado diretamente por ela, se expande. Para além daqueles que projetaram a estrutura do meio, os consumidores foram atores importantes na transformação do seu uso projetando demandas e vontades, fossem elas individuais ou coletivas, como a visibilidade para causas políticas, o acesso à informação, a oferta de serviços e produtos e a própria comunicação com outras pessoas.

Nascem assim as primeiras comunidades virtuais com novas formas de sociabilidade que tomam como suporte as tecnologias da informação e comunicação (TICs), interagindo inicialmente via chat, jogos e correio eletrônico. Cabe enfatizar, que apesar de compartilharem características em comum que garantem a sua continuidade - a comunicação horizontal e a autonomia do usuário -, as comunidades virtuais não interagem de maneira harmônica, justamente por funcionarem enquanto continuidade da vida em sociedade que por sua vez, se constrói através de contradições e conflitos entre grupos (CASTELLS, 2003, p. 48).

Nesta realidade *on-line*, o conceito de ciberespaço representa a rede de computadores com memória interconectada através da rede e compreende todo o aparato físico e digital que suporta o conteúdo disponível (LÉVY, 1999). De maneira intrínseca, a cibercultura se relaciona com as práticas, hábitos, valores e opiniões que se desenvolvem na rede a partir da ação humana. A acumulação de informações armazenadas em uma memória externa ao homem, bem como a ampliação do acesso aos conteúdos por temas de interesse, origina o fenômeno da Inteligência

Coletiva onde o conhecimento é resultado da produção das comunidades virtuais e não mais privilégio de algumas elites intelectuais (RODA VIVA, 2001)¹⁴. A adoção em massa da internet, reconfigurou não somente o campo da comunicação, mas a economia, política e a própria educação.

Apesar de toda a polêmica envolvendo o debate sobre as tecnologias digitais e os desafios impostos por ela nas sociedades, há um consenso entre pesquisadores da área de comunicação sobre a dependência construída em torno da sua utilização na sociedade contemporânea:

A tendência de crescimento das redes informacionais não arrefeceu. Nada indica que bancos, bolsas de valores, mercados de futuro, multinacionais, indústria de entretenimento, governos e negócios deixem de intensificar o uso da comunicação mediada por computador em suas práticas cotidianas. Também é pouco provável que as pessoas deixem de utilizar as redes como parte importante do seu dia a dia. (SILVEIRA, 2006, p.61).

¹⁴ Em entrevista ao programa Roda Viva em 2001, o autor discute o conceito teórico de inteligência coletiva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzfKr2nUj8k>

5. CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UM OBJETO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR

5.1 COMUNIDADES VIRTUAIS E A COMUNICAÇÃO MEDIADA PELAS REDES SOCIAIS

A convivência e a socialização são características comuns entre os seres vivos, responsáveis por conferir-lhes a capacidade de reprodução e garantia das condições necessárias à sua sobrevivência. Entretanto, ao analisar especificamente a condição humana, estas categorias assumem particularidades. Somos a única espécie com um pensamento racional capaz de desenvolver o comportamento social e agir sobre a realidade de forma intencional, superando o comportamento puramente instintivo. A organização da vida em sociedade é responsável não apenas pela construção da inteligência individual, mas de singularidades identitárias e compreensões simbólicas do mundo.

Devido a esta complexidade, o conceito de “comunidade” adquire uma qualidade transversal e interdisciplinar, dialogando com a antropologia, a biologia, a psicologia e a própria comunicação, tornando um desafio a definição do termo de forma geral. Para a discussão abordada aqui, a ideia de indivíduos interagindo, vinculados a partir de um interesse em comum é suficiente para compreender a ideia de “Comunidades Virtuais”, que por sua vez são descritas por Castells (2001) como uma cultura que moldou “as formas sociais, processos e usos da rede (p.47)”. Em suma, é possível afirmar que a humanidade está acostumada a se organizar em grupos nos mais diferentes contextos e a utilização da internet possibilitou expansão deste comportamento para dentro do ciberespaço, superando as motivações da sua gênese.

Outro aspecto importante diz respeito à história da escrita. Pois as TIC representam o surgimento de uma nova cultura a partir da inserção do monitor de computador como suporte de leitura, de forma semelhante à invenção da imprensa de Gutenberg durante o século XV. Chartier (1994) enfatiza que

A revolução do texto eletrônico será, ela também, uma revolução da leitura. Ler num monitor não é o mesmo que ler num códice. Se é verdade que abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a condição destes: à materialidade do livro, ela substitui a imaterialidade de textos sem lugar próprio; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso, ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à apreensão imediata da totalidade da obra, viabilizada pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de muito longo curso, por arquipélagos textuais sem beira nem limites. (p. 190).

Neste terreno fértil para o estabelecimento da comunicação através da internet, o conceito redes sociais emerge para descrever uma variedade de ambientes com condições propícias para a organização de comunidades no ciberespaço a partir de interesses comuns, sejam eles pessoais, afetivos, profissionais, políticos, dentre outros. Mesmo que este cenário de revolução tecnológica seja o principal pano de fundo para a disseminação do termo metafórico “rede”, este corresponde também a um conjunto dos processos de socialização inerentes às comunidades humanas que antecedem há muito o advento da internet (ZENHA, 2018). Portanto, a inovação que o debate carrega, diz respeito ao suporte impalpável em que novas formas de comunidade se constroem na Era Digital.

Apesar do pessimismo de alguns grupos mais céticos quanto aos modos em que a socialização nas redes sociais acontece - com a interpretação de papéis, por exemplo, e o estabelecimento de uma interação social cada vez maior e superficial entre as pessoas - é imperativo reconhecer o seu potencial de diminuir a sensação de isolamento, proporcionar novas opções de colaboração e o enriquecimento das relações entre usuários com culturas similares e/ou antagônicas. Além disso, a horizontalidade na comunicação exercida dentro do ciberespaço, permeada por um alto fluxo de informações, é forte o suficiente para romper com a detenção de conhecimentos por elites intelectuais, ao mesmo tempo em que acentua a sensação de pertencimento entre os sujeitos (ZENHA, 2018).

A extensa linha do tempo disponível, com uma variedade de formatos de redes sociais a partir da década de 90 no mundo todo, demonstra que a criação desta categoria de navegação na internet foi uma das principais responsáveis pela sua popularização entre a sociedade civil. E apesar de não ser completamente relevante e sustentável para a estrutura desta pesquisa elencar cada uma, é imperativo citar aquelas que alcançaram altos níveis de popularidade atualmente no Brasil, como: Whatsapp, Facebook, Instagram, Twitter, LinkedIn, Youtube, Pinterest e o Tik Tok¹⁵. Ao todo, essas mídias dividem juntas um contingente aproximado de 165 milhões de usuários - colocando o país em 5º lugar no ranking de nações com maior número de acessos no contexto Mundial e em 1º na América Latina (STATISTA, 2022). Cabe ressaltar que outras redes já extintas, também foram importantes na trajetória do brasileiro na cibercultura, como é o caso do MSN Messenger a partir dos anos 90 e do Orkut nos anos 2000.

¹⁵ Apesar de estar disponível para uso desde 2016, foi durante a pandemia da Covid-19 que o Tik Tok explodiu no Brasil, principalmente entre o público jovem. A hipótese mais aceita para explicar este fenômeno, se baseia na carência de interações durante o período de distanciamento social.

Mesmo com a importância assumida pelas redes sociais no Brasil, houve uma expansão da sua abrangência a partir da pandemia (Vide tópico 1.2) devido às possibilidades que abriu para a continuidade de algumas atividades consideradas prioritárias para o funcionamento da sociedade. Automaticamente, houve uma transição da utilização por escolha para a utilização por necessidade, mesmo considerando os perfis tão diversificados de usuários e suas motivações cada vez mais antagônicas. De início, é possível justificar esta tendência, considerando a instantaneidade das informações compartilhadas - com possibilidade de interação ao contrário da televisão - em um momento de medo generalizado e de uma dúvida latente referente ao vírus: com o que estamos lidando? Por outro lado, a paralisação das atividades presenciais se encarregou de garantir a busca por ferramentas de socialização eficientes. A exemplo disso, é possível citar as chamadas de vídeo, que nos variados formatos que assumem nas redes que integram, foram essenciais para a viabilidade do contato com pessoas próximas, encontros de trabalho e aulas remotas.

O internauta assume mutuamente, nesta nova realidade, a experiência de consumidor e autor de conteúdos e sua presença *on-line* é o fundamento para a complexificação dos nós que compõem a teia de informações disponíveis. Os formatos de interação são variados - bate-papo, publicações escritas, comentários, botões de curtir, jogos, imagens, gifs, vídeos e áudios são algumas das categorias mais gerais que se remodelam constantemente em favor dos algoritmos de engajamento - Processo responsável pela falência de plataformas rígidas e permanência daquelas com maior grau de flexibilidade no atendimento da demanda dos usuários e sugestão de novas possibilidades de utilização. É neste cenário que a categoria “Meme” se integra, enquanto uma forma de discurso breve, versátil e com alta capacidade de afetar o público a que se direciona, através da veiculação de mensagens curtas e permeadas pelo humor.

5.2 A MEMÉTICA E O MEME DA INTERNET

O “meme” na cultura digital remete automaticamente para conteúdos que se propagam rapidamente nas redes sociais, relacionados a temas de interesse para determinadas comunidades virtuais. Entretanto, há um consenso entre os estudos de que sua origem antecede os primórdios da internet e corresponde a uma tradução de conceitos biológicos para o campo da cultura. Um dos principais pesquisadores da área no Brasil, Gustavo Leal-Toledo, em sua tese de doutorado “Os Memes e a Memética: o uso de modelos biológicos na cultura” (2017), resgata alguns representantes teóricos pela popularização do termo. O etólogo Richard Dawkins

é citado como o criador do meme na obra “O gene Egoísta” (1976) onde o apresenta como uma derivação da palavra grega *Mimete* que significa imitação. A ideia do autor era utilizá-lo como uma analogia ao “gene”. Sendo assim, o meme corresponde a uma “unidade de transmissão cultural” responsável pela evolução da cultura, assim como o gene corresponde à transmissão de características hereditárias que garantem a evolução da espécie humana.

Seguindo este preceito, o meme corresponde a unidades culturais tão antigas quanto a existência humana. E de maneira um tanto quanto irônica para um momento histórico marcado pela pandemia, o conceito de “viral” emprestado da biologia por Dawkins, foi amplamente disseminado para ajudar a explicar a principal característica e condição de existência do meme: sua alta capacidade de propagação, assim como o vírus em uma epidemia.

Por sua vez, o filósofo Daniel Dennett, em seu livro “*Consciousness Explained*” (1995) é mencionado como o primeiro pesquisador a propor a criação de uma disciplina denominada “Memética” que seria responsável por “aplicar a perspectiva do meme” mostrando “o que o torna um bom replicador” (LEAL-TOLEDO, 2017, p. 80) de hábitos, tradições e ideias entre as mentes humanas. Sendo assim: “Toda a cultura, todos os comportamentos sociais, todas as ideias e teorias, todo comportamento não geneticamente determinado, tudo que uma pessoa é capaz de imitar ou aprender com outra pessoa é um meme” (LEAL-TOLEDO, 2013, p. 192). Por fim, a psicóloga Susan Blackmore é citada no mesmo trabalho devido a sua tentativa de construir algumas definições gerais para a consolidação da memética como área do conhecimento. A novidade na produção da autora se refere à interpretação de que os memes possuem mecanismos de transmissão independentes.

Com a apresentação da fundamentação da memética, que amplia o seu conceito para além da internet, importa mencionar que o debate sobre a sua abrangência e relevância está permeado de controvérsias que dificultam a sua consolidação enquanto disciplina. A primeira delas está na associação equivocada da área ao Darwinismo Universal, devido às analogias com a teoria da seleção natural, que foram responsáveis pela criação do conceito - causando um temor entre pesquisadores de que a memética pudesse popularizar uma tendência Eugenista na cultura. Esta crítica é facilmente derrubada ao retomar a ponderação de Leal-Toledo (2017) de que a relação criada entre meme e gene é focada na indissociabilidade do fator transmissão para a sua existência e não em um preceito de determinismo genético. Além do ceticismo, há uma dificuldade em superar as ambiguidades na tentativa de definição e delimitação da memética enquanto área do conhecimento.

Com o surgimento da internet e o aumento vertiginoso da circulação de informações na sociedade contemporânea, houve uma apropriação do termo “meme” em análises inseridas no contexto da cibercultura a partir dos anos 90. Neste sentido, o meme passa a denominar qualquer tipo de conteúdo enunciativo que se espalhe entre um grupo ou bolha virtual, proporcionando condições para a ampliação da interação social envolvendo temas de interesse comum. Neste contexto, “ (...) a informação não é simplesmente repetida, mas discutida, transformada e recombinaada” (RECUERO, 2007). O termo também se populariza entre internautas para definir a produção de conteúdos com teor humorístico que ganham espaço como um novo modo de comunicação virtual.

Nesta concepção da palavra, o meme corresponde a conteúdos que dependem de um contexto prévio para se propagar e continuar sendo relevante (quanto mais tempo consegue durar, mais se replica), por isso a sua extinção está vinculada à perda de relevância do seu conteúdo nas comunidades virtuais, culminando no surgimento de versões mais atualizadas e com e maior adaptabilidade às expectativas dos usuários. Além disso, o meme se apresenta como um gênero discursivo democrático, considerando que qualquer internauta pode decidir produzi-lo e/ou compartilhá-lo, rompendo com a lógica da posse da palavra enquanto um privilégio de poucos. Há uma gama de formatos em que um meme pode se apresentar, alguns dos mais comuns são vídeos, áudios, imagens, textos, frases e principalmente a combinação dessas categorias.

A autoria não é um traço indispensável aos conteúdos meméticos na rede, normalmente eles são produzidos e apresentados simplesmente enquanto ideias espalhadas em diversas plataformas simultaneamente, tornando praticamente impossível descobrir a sua origem e percurso na rede com exatidão, apesar da existência de ferramentas de monitoramento das mídias sociais. Mesmo assim, há sempre uma definição clara de seu interlocutor. Por exemplo, na frase que intitula este trabalho: “Por que não pode celular na aula, mas pode aula no celular?”, implicitamente estão declaradas as experiências de estudantes com o ensino remoto, reverberando no feed de diversas redes sociais as opiniões complementares e/ou antagônicas sobre o que foi dito, de maneira que usuários espalhados por todo o país interagem sobre ele a partir de sua própria ideologia e experiência de vida.

Outro aspecto decisivo para a permanência da comunicação através dos meme na internet é o esforço dos programadores atuantes nas empresas provedoras de mídias digitais, em disponibilizar ferramentas de criação e propagação de memes, após a constatação de que

correspondem a um novo gênero discursivo que pode ser utilizado em favor do aumento do engajamento dos usuários e acirramento da competitividade com plataformas concorrentes. Além disso, existem sites gratuitos geradores de memes, que possibilitam para usuários sem grandes conhecimentos em informática, a edição de um amplo acervo de conteúdos.

É difícil dizer qual foi o marco inicial para a consolidação de uma cultura mêmica na internet, mas olhando para a realidade brasileira é possível resgatar alguns formatos que marcaram a interação das mídias sociais mais utilizadas pelo público. Dentre elas estão os *Winks* do MSN, ferramenta para utilização de gifs barulhentos e engraçados que chamavam a atenção de usuários ausentes nos bate-papos e os *craps* do Orkut que possibilitavam o compartilhamento de gifs e imagens com mensagens no feed de amigos e entre as comunidades. Mais recentemente, em meados de 2010 no Facebook, se populariza um *pack* de memes em preto e branco que protagonizaram a produção de conteúdo por alguns anos, entre os mais conhecidos, estão: o *Troll Face*, *Me Gusta* e o *Forever Alone*, *Fuck Yea*, que chegaram inclusive a movimentar um mercado de produtos personalizados, focados no público jovem - moletons e camisetas, cadernos, canecas, etc. Os *stickers* do Whatsapp disponibilizados em 2018, por sua vez, abriram a possibilidade da utilização dos memes com a mesma função dos *emojis* nas conversas, culminando na popularização de aplicativos para criação de figurinhas usando como base não apenas imagens populares, mas fotos de pessoas conhecidas.

Essa presença constante dos memes da internet na comunicação virtual, ampliou a relevância dessa cultura para fora de seu ambiente nativo. É cada vez mais comum o aparecimento de fraseologias com origem “mêmicas” na comunicação cotidiana, dentre elas a expressão “E nem é meme” em alusão a situações cômicas que correspondem a experiências reais. O famoso jargão “Já acabou Jéssica?” para se referir a comportamentos exagerados sem necessidade. Ou mesmo a provocação “É verdade esse ‘bilete’” no final de afirmações mentirosas. O público brasileiro, em particular, tem uma propensão considerável em criar tendências mêmicas a partir de referências culturais de grande repercussão nacional. Somos os donos de alguns dos mais icônicos memes da internet: Gretchen, Nazaré Tedesco, Grávida de Taubaté, Dráuzio Varella, Cachorrinho Caramelo. Todos eles relacionados a algum aspecto cultural, como a indústria cinematográfica e figuras da cultura popular.

Outro aspecto importante dos memes da internet, no contexto brasileiro é a sua utilização no cenário político, seja para reforçar ou rebater opiniões; criar analogias para representar partidos e candidatos; e comentar situações a partir de estratégias cômicas (como a ironização). Após as eleições de 2018, ficou claro que a propagação de memes é forte o

suficiente para influenciar a opinião pública e auxiliar na campanha de candidatos em um contexto de forte polarização política. Dentro deste cenário, páginas direcionadas a públicos específicos estão ganhando relevância na difusão de discursos políticos em diversas redes simultaneamente captando usuários dos mais variados alinhamentos políticos.

Um consistente referencial teórico sobre o tema, está disponível no site do projeto pioneiro #MUSEUDEMEMES¹⁶, - de autoria do Professor universitário Viktor Chagas em parceria com estudantes e docentes do curso de pós-graduação em comunicação da (UERJ). Nele, está disponível para pesquisadores e internautas interessados no tema um repositório com sólida produção científica sobre a relação entre famílias de memes que viralizaram em diferentes contextos políticos do país. Apesar do ceticismo inicial quanto à relevância do projeto, sua repercussão foi tamanha que culminou na exposição “A política dos memes e os memes da política” no museu da república instalado no Palácio do Catete (Rio de Janeiro). Sobre esta ocasião, Chagas faz a seguinte explanação: “Ver um meme na parede de um museu: essa provocação sempre foi nossa intenção. (...) Queremos que as pessoas encarem o objeto do meme como algo relevante, fugindo do oba-oba, do besteiro, da balbúrdia.” (PAVARIN, 2019).

Infelizmente, o recorte desta monografia não dá conta de explorar todas as nuances possíveis no debate sobre a relevância dos memes. O objetivo deste tópico foi de oferecer apenas um panorama do contexto teórico, histórico e social em que os memes estão inseridos, demonstrando com breves exemplos a sua influência enquanto gênero discursivo na comunicação dentro e fora da internet nos dias de hoje. No próximo capítulo, os conceitos abordados serão analisados no âmbito da produção de memes sobre o ensino remoto durante a pandemia, com o objetivo de refletir sobre os sentidos construídos pelos principais sujeitos afetados por essa realidade, sendo eles: alunos, professores e famílias.

¹⁶ iniciado em 2011 no Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Disponível em:

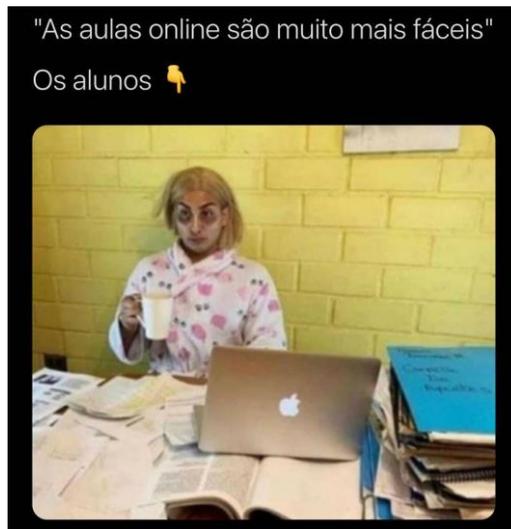
6. AS REPRESENTAÇÕES HUMORÍSTICAS DOS MEMES DA INTERNET SOBRE EDUCAÇÃO NA PANDEMIA

A necessidade de adotar o distanciamento social como estratégia de contenção da pandemia em 2020 fez emergir na internet uma infinidade de narrativas sobre os aspectos de uma rotina confinada. São conteúdos sobre o tédio de ficar em casa em tempo integral, as relações familiares neste período, o home office e o ensino remoto pela internet. A produção e o compartilhamento de memes neste período se transformou em uma estratégia de compartilhamento de experiências difíceis, atribuindo a elas um fundo de comicidade, basicamente uma estratégia de “rir para não chorar” entre as comunidades virtuais. Neste sentido, analisar uma amostra dos memes que circularam neste contexto é uma estratégia para compreender os sentidos construídos pelos sujeitos acerca das experiências educacionais que tiveram no ciberespaço.

Ressalto que a construção do *corpus* de pesquisa, aconteceu principalmente através da ferramenta de busca Google, devido à facilidade em resgatar conteúdos mais antigos na rede. A realização da coleta direcionada em uma única mídia, como o Facebook por exemplo, não se mostrou tão sólida tendo em vista que nestas plataformas a evidência de um conteúdo está diretamente relacionada a sua relevância no momento da busca e atualmente o debate sobre o ensino remoto não ocupa o centro das atenções nos *feeds* como acontecia em 2020 e 2021. A principal estratégia adotada para atender aos objetivos desta pesquisa foi a utilização de palavras-chave precedidas do termo “meme”, na intenção de relacionar os diferentes interlocutores e situações retratadas - “**aulas on-line**”, “**ensino remoto**”, “**professor**”, “**alunos**”, “**famílias**”, “**pais**”, “**atividade**” foram alguns dos termos relacionados.

O primeiro ponto de discussão proposto nos enunciados abaixo diz respeito à rotina estressante dos alunos durante as aulas *on-line*:

Figuras 1 e 2: exaustão mental e participação nas aulas



Fontes: <https://br.pinterest.com/pin/593560425909139988/>
<https://br.pinterest.com/pin/670262357033843930/>

Na cena da figura 1, o interlocutor utiliza do exagero como recurso para causar no leitor o impacto do cansaço do personagem que remonta à figura de um estudante assistindo aula pelo notebook, vestido com roupão de banho, olheiras muito evidentes, e uma xícara de café em mãos. Ele olha fixamente para a tela do computador posicionada em uma mesa repleta de papéis e livros espalhados. A cena fornece um tom de ironia à afirmação: “as aulas *on-line* são muito mais fáceis”. Este enunciado se constrói como crítica aos argumentos positivos que haviam sido criados sobre a adesão às aulas *on-line*.

A estratégia humorística contida na cena da direita segue uma tendência do meme feliz/triste que contrapõe o sentimento que o personagem tenta transparecer àquele que ele realmente está sentindo. O rosto sorridente está associado à resposta do aluno para o questionamento da professora acerca da sua compreensão do conteúdo da aula: “kkk tô sim, fessora”, mas esconde uma expressão de medo, enfatizada pelo trecho escrito “qual é o meu nome mesmo?”. A figura 2 evidencia um esforço do professor em tentar garantir um aproveitamento mínimo do conteúdo ensinado, enquanto é possível perceber entre os estudantes uma insegurança latente disfarçada de entendimento, como estratégia para garantir o mínimo possível de interação.

O principal contexto motivador nesta categoria de meme é o pessimismo imediato dos alunos quanto à efetividade do ensino remoto comparada ao ensino presencial. Um fator

importante para isso foi a obrigação de estar presente nas aulas *on-line* por um período similar às aulas presenciais, sem qualquer adaptação na didática considerando o ambiente virtual, o que se mostrou prejudicial em algum nível para a saúde mental de todos alunos e professores envolvidos nesta realidade. Se considerarmos que a pandemia também trouxe situações dramáticas com as quais alunos e professores de todas as idades precisaram lidar, como o medo, o luto e a falta de interação social, estar inserido em uma rotina exaustiva se torna um complicador ainda maior das consequências emocionais que afetaram o rendimento escolar não apenas durante o isolamento, mas também após o retorno das aulas presenciais (BARROS; VALÉRIO; SILVA; PECORELLI; PORTO; SILVA, 2021).

Figuras 3 e 4: Desânimo e distrações.



Aula online: a
Eu:



Fontes: <https://br.pinterest.com/pin/763641680557702509/>

<https://br.pinterest.com/pin/77687162313264846/>

Nesta segunda categoria, o principal pano de fundo é o tédio e a saturação dos estudantes com o tempo de tela. A figura 3 é um meme de tendência histórica, que utiliza como pano de fundo a obra *Cymon and Iphigenia* (sem data) de Frederic Leighton (1830-1896). O enunciado satiriza ao mesmo tempo a experiência de dois personagens, sendo a primeira do docente, no trecho: “Professor me chamando na aula *on-line*”, e a segunda do aluno através da associação da palavra “Eu” com a imagem da mulher dormindo. A perspectiva implícita no enunciado, sobre a situação do professor neste contexto é preocupante, pois ilustra um esforço constante de buscar interações que tornem a aula mais interessante, mas sem sucesso. A figura

4 insere-se no mesmo tipo de sátira, mas com uma associação direta entre a aula *on-line* e o tédio, sem a citação da figura do professor. Além disso, a imagem escolhida para completar o cenário retrata literalmente uma aula *on-line* que acontece enquanto o estudante dorme.

Apesar da utilização constante do sono como caricatura do tédio nas aulas *on-line*, o ambiente doméstico e as ferramentas digitais foram responsáveis pela viabilização de uma infinidade de atividades que os alunos puderam considerar mais interessantes do que a aula. Alguns exemplos que podem ser citados são os jogos *on-line*, as plataformas de streaming, as tarefas domésticas e/ou interações familiares. Independente da faixa etária, esta realidade foi mais uma dificuldade para o aproveitamento pedagógico.

Figuras 5 e 6: Volume de tarefas e qualidade da aprendizagem.

"at|VidAdE dEe HOjEe JáA estAAa
DiSpOnlvEI No CLaSSroM"

Eu:



Mari 지민

@daegujkook

voltando p as aulas presenciais
com todo o conteúdo q aprendi na
EAD



23:15 · 07 mai 20 · Twitter for Android

Fontes: <https://br.pinterest.com/pin/593560425909140073/>

<https://br.pinterest.com/pin/593560425909140101/>

A figura 5 faz parte da família de memes brasileiros “porque você não amadurece?” que inundou a internet em 2016 (MUSEU DE MEMES, s.d.) com referência ao personagem Aaron Bailey da série “Três é Demais”. A frase atribuída ao professor: “A atividade de hoje já está no classroom” é associada imediatamente com a reação do aluno - retomado pela palavra “Eu” - através da imagem do personagem fazendo careta vinculada ao intercalamento de letras maiúsculas e minúsculas que simulam a repetição irônica da orientação feita pelo professor. O cenário emprestado para a construção da sátira, diz respeito à falta de motivação com a

realização das tarefas. Infelizmente, a atribuição de tarefas durante o ensino remoto, se tornou uma estratégia pedagógica ineficaz para mensuração da participação e rendimento escolar dos alunos nas aulas, servindo apenas para tornar a rotina ainda mais desgastante para todas as pessoas envolvidas.

A figura 6 estabelece uma relação de consequência com a realidade acima, ao retratar uma baixa segurança com o conteúdo aprendido no final do ensino remoto e retomada das aulas presenciais. A frase “Voltando para as aulas presenciais com todo o conteúdo que aprendi na EAD” é representada pela foto da cantora pop Lizzo, no evento “American Music Awards” de 2019, segurando uma bolsa miniatura da grife Valentino – em alusão ao baixo aproveitamento dos conteúdos -, que virou meme em 2019. É fato que a partir da retomada das atividades presenciais, as instituições escolares passaram a lidar com o desafio de superar a defasagem escolar que afetou todos os ciclos da Educação Básica, com ênfase nos prejuízos para a Ed. Infantil e anos Iniciais do Ensino Fundamental. Segundo A nota técnica “Impactos da pandemia na alfabetização de crianças” (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2021)¹⁷:

Entre 2019 e 2021, houve um aumento de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos de idade que, segundo seus responsáveis, não sabiam ler e escrever. Eram 1,4 milhão de crianças nessa situação em 2019 e 2,4 milhões em 2021. Em termos relativos, o percentual de crianças de 6 e 7 anos que, segundo seus responsáveis, não sabiam ler e escrever foi de 25,1% em 2019 para 40,8% em 2021.

Fica evidente que para as crianças que conseguiram participar do ensino remoto emergencial, o formato de aula não lhes garantiu a interação e estímulos suficientes para garantir a sua alfabetização. E por outro lado, aquelas em situação de vulnerabilidade sem acesso nenhum aos conteúdos e/ou sem o auxílio adequado em casa, foram ainda mais prejudicadas, conforme será debatido adiante.

¹⁷ Realizado a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do IBGE.

Figuras 7 e 8: Estrutura para acesso adequado à internet

Professor: As aulas vão ser online por conta do Coronavírus
O estudante que vendeu seu PC para conseguir pagar a faculdade:



Ninguém:
O professor na aula online:



Fontes: <https://br.ifunny.co/picture/professor-ag-aulas-vaio-ger-on-line-por-conta-do-coronavirus-b9A3pwAc7>

<https://m.facebook.com/ctcmemes/posts/1277120592497465/>

O acesso adequado aos equipamentos e à rede de internet foi um aspecto inerente às aulas *on-line* que evidenciou a desigualdade digital existente no Brasil. O exemplo da figura 7 está centrado na experiência dos estudantes sem a infraestrutura necessária para a participação nas aulas. A fala do professor: “As aulas vão ser *on-line* por conta do Coronavírus” representa a necessidade de adequação da comunidade a uma nova realidade escolar. Entretanto, há uma contradição explícita logo abaixo na frase “estudante que vendeu seu PC para conseguir pagar a faculdade” vinculada a uma versão caricata do personagem Mike Wazowski (Monstros S.A.), com uma expressão de perplexidade.

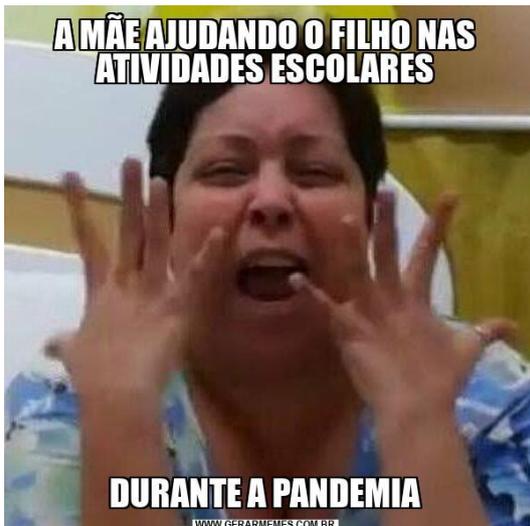
Apesar do apelo de organizações multilaterais pela adesão ao Ensino Remoto como estratégia de contenção dos efeitos da pandemia sobre a educação (ver tópico 3.3), é fato que para famílias humildes essa nova realidade não veio acompanhada de políticas públicas adequadas. Sendo assim, o fracasso e a evasão escolar, foram ainda piores para alunos da Educação Básica e do Ensino Superior em situação de vulnerabilidade, que não puderam contar com espaço adequado para estudar em casa, nem com o acesso às tecnologias digitais, além de precisarem lidar com diversas tensões que foram além da preocupação com a educação:

Uma boa parte das famílias com alunos nas escolas públicas vive do trabalho informal ou é empregada, com contratos que estão suspensos

ou sob ameaças, o que coloca em tensão o cotidiano dessas famílias. Cotidiano que, em muitos locais, se vê ainda mais afetado pelo fato de, sem escola, não haver merenda escolar, o que onera ainda mais os custos de subsistência das famílias. Isso, somando ao medo da doença, ao risco de ainda sofrer com o atendimento de saúde pública, já próximo de um colapso (...) (PRETTO; BONILLA; SENNA, 2020, p. 03).

Na figura 8, a experiência do professor com a falta de estrutura para lecionar no ensino emergencial é protagonista do enunciado “Professor na aula *on-line*”, complementada pela imagem embaçada de um homem em alusão à falta de qualidade da internet nas chamadas de vídeo - situação recorrente durante a pandemia. Neste ponto, chama a atenção a precarização do trabalho docente durante o isolamento social, com profissionais investindo recursos próprios para a aquisição de aparelhos e serviços de internet adequados a sua nova demanda de trabalho (PRETTO; BONILLA; SENNA, 2020).

Figuras 9 e 10: O papel das famílias



PROFESSORA: AS TAREFAS DE HOJE SÃO...

MEUS PAIS:



Fontes: <https://gerarmemes.s3.us-east-2.amazonaws.com/memes/f23cb574.webp>

<https://br.pinterest.com/pin/812618326505457293/>

O aspecto familiar foi amplamente utilizado para criação de memes sobre as aulas *on-line*, tendo em vista a sobrecarga que muitos responsáveis sentiram com a necessidade de acompanhar as crianças e adolescentes nas aulas e ajudá-los com um grande volume de tarefas durante todo o período em que as escolas estiveram fechadas. A figura 9 tem como referência a família de memes “Tulla Luana” que surgiram a partir dos vídeos da youtuber de mesmo

nome e viralizaram a partir de 2013. Nele, o sentimento de cansaço das mães está representado no enunciado: “A mãe ajudando o filho nas atividades escolares durante a pandemia”, acompanhado de uma foto da personagem com uma expressão de desespero.

A figura 10 retrata a função de controle atribuída às famílias, a partir da perspectiva do aluno, com a seguinte frase “Professora: As tarefas de hoje são...” associada ao complemento “Meus pais:” que estão representados pelo desenho de dois urubus observando fixamente uma situação. O caráter cômico deste meme reside no sentimento de pressão expressado pelo aluno quanto à cobrança constante dos adultos sobre a sua responsabilidade com as tarefas.

É possível avaliar que o volume das tarefas escolares durante o ensino remoto emergencial, representados nas figuras 5 e 6, culminou no aumento da responsabilidade parental com a vida escolar dos filhos em conjunto com um cenário de intensificação das tarefas domésticas e adoção do trabalho remoto. Para famílias com mais de um filho, tornou-se difícil cumprir o calendário de entregas, além disso, dependendo do nível de dificuldade do conteúdo e da qualidade nas orientações para a realização das atividades, muitos responsáveis se sentiram incapazes de oferecer o apoio pedagógico necessário. Enquanto a possibilidade de aproximação com os filhos e participação mais ativa na sua vida escolar são tidos como aspectos positivos deste período, foi inegável o cansaço e a sobrecarga das famílias, principalmente das mulheres (ARAÚJO; OLIVEIRA; BERETTA; BITTAR, 2022).

Figuras 11 e 12: A relação aluno-professor e concepções sobre o uso pedagógico da tecnologia.



Fonte: https://www.reddit.com/r/brasil/comments/gvsit5/professores_em_aula_on-line/meme/
<https://br.ifunny.co/picture/nao-pode-celular-na-aula-mas-pode-aula-no-celular-711cLeFw7>

Comparações entre aspectos da cultura escolar antes e após a pandemia, não escaparam da produção de memes. Nelas, algumas contradições foram evidenciadas acerca do relacionamento entre professores e alunos, bem como sobre o uso de tecnologias digitais. A figura 11 é uma das variações da família “cachorro Balltze” (MUSEU DE MEMES, s.d.). No lado esquerdo, a montagem caricata do cachorro em pé sobre duas patas, com um corpo forte e régua na mão, está representando o autoritarismo e poder do docente durante as aulas presenciais, representado na frase “Professores antigamente: Se falarem mais um PIU, vão para a direção”. Como contraponto, do lado direito, está uma montagem do cachorro sentado sobre as 4 patas com lágrimas nos olhos enquanto observa a tela do computador, fazendo correspondência à seguinte frase: “Professores agora: Por favor, falem comigo”. Neste caso, há uma alteração nas relações de poder com a adoção das aulas *on-line*, tendo em vista que os alunos assumiram uma postura passiva e reservada nas chamadas de vídeo enquanto professores buscaram estratégias para aumentar o nível de interação.

A figura 12 também é uma versão famosa do meme Balltze, que circulou entre 2020 e 2021. Sua principal característica é a utilização da frase fixa “Enfim, a hipocrisia” vinculada à imagem do cachorro com expressão pensativa sobreposta a uma paisagem de entardecer. Neste caso, a situação criticada está exposta no enunciado “não pode celular na aula, mas pode aula no celular” que garantiu boas risadas aos internautas. Há uma correspondência significativa entre este meme e a mudança de cultura envolvendo o uso de tecnologias na educação escolar, após o início da pandemia. Pois, se anteriormente a concepção dominante era de que o celular atrapalhava o rendimento escolar das crianças e adolescentes, =como previsto na Lei nº 12.730, de 11/10/2007 que proíbe celular em sala de aula, com o fechamento das escolas ela foi substituída pela utilização da tecnologia em favor da continuidade das atividades pedagógicas.

Figuras 13 e 14: As especificidades da aula em ambiente doméstico.

Quando vc tá na **aula online** e sua mãe grita:

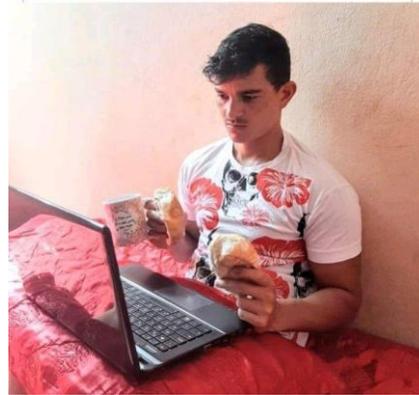
“Cagou de novo e não deu descarga”



aula online

Professor: vocês devem estar com papel e caneta na mão né ?

Eu:



Fontes: <https://ahseeit.com/portuguese/?qa=2716/quando-vc-ta-na-aula-on-line-e-sua-mae-grita-meme>

<https://www.wattpad.com/895689374-desgra%C3%A7a-dos-meme-ai-ai-aula-on-line>

O fechamento das escolas por um período tão longo, como ocorreu no início da pandemia do coronavírus, não tem precedentes na história. Também é importante considerar como especificidade do nosso tempo, a existência de tecnologias que possibilitaram a continuidade das atividades pedagógicas à distância. Os memes desta categoria ilustram situações resultantes da mistura entre rotina escolar e rotina doméstica que não poucas vezes se tornam constrangedoras para todos os envolvidos, quando há exposição de acontecimentos da vida privada durante as aulas ou o cometimento de gafes.

Na figura 13, tal constrangimento é a estratégia cômica no enunciado: “Quando você está na aula *on-line* e sua mãe grita: ‘Cagou de novo e não deu descarga’” que compõe a imagem de um menino com o olhar impassível tentando esconder o desconforto – representando o aluno. Por sua vez, a figura 14 mostra um jovem com dois pães e uma xícara de café na mão, em frente ao computador, com o seguinte enunciado: “Professor: Vocês devem estar com papel e caneta na mão, né?”, mostrando que ao assistir às aulas com a câmera fechada, o estudante pode estar fazendo uma série de atividades paralelas. Este aspecto do ensino remoto originou vários memes *on-line* sobre situações inusitadas envolvendo alunos e professores.

A amostra de memes selecionada para esta análise, cumpriu bem a função de mostrar uma multiplicidade de experiências desafiadoras impostas para comunidades escolares

do Brasil todo, durante a pandemia do Coronavírus, bem como os significados atribuídos a elas pelos diferentes sujeitos inseridos nesta realidade. Em um panorama geral, é possível avaliar que a forma como o ensino remoto emergencial foi implementado, tendo como princípio apenas a continuidade das atividades escolares, teve mais impactos negativos do que positivos na saúde mental de professores, alunos e responsáveis, tendo sido incapaz de gerar bons resultados pedagógicos – o que nos convida a repensar os moldes atuais da utilização da tecnologia em favor da aprendizagem e questionar a omissão dos governos, na criação de políticas públicas capazes de reduzir a desigualdade digital neste período.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID-19 teve um grande impacto em nosso tempo histórico, levando a uma rápida transformação de vários campos da vida social, desde a saúde e a ciência, política e economia, até a comunicação e a educação. O aprofundamento teórico realizado no início deste trabalho demonstrou que o nível atual da globalização foi responsável, não apenas pela aceleração do processo de contaminações, mas também pelo aparecimento de novas formas de enfrentamento da crise sanitária que se impôs no final de 2019, e que em sua maioria envolveram o uso massivo de tecnologia para evitar a paralisação de atividades consideradas essenciais e a busca por uma vacina eficaz.

No campo educacional, o fechamento das escolas em março de 2020 e o seu prolongamento até praticamente o final de 2021, foi algo inédito que exigiu uma resposta rápida do governo federal, que por sua vez, foi incapaz de criar políticas públicas coordenadas entre os estados para apoiar as escolas e a população vulnerável. Dentre as principais falhas é possível citar: a falta de diálogo com o setor educacional para a tomada de decisões, e o direcionamento insuficiente de recursos financeiros para as escolas públicas, além dos escândalos envolvendo os cortes orçamentários não apenas na Educação Básica e no Ensino Superior, mas em outras áreas indispensáveis como a saúde, em decorrência da PEC 241 (BRASIL, 2016j) de redução de gastos.

O principal resultado dessa administração inadequada da crise, durante o governo Bolsonaro, foi a adoção do ensino remoto emergencial de forma descentralizada por todo o país, com o incentivo de organizações multilaterais como a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Entretanto, a rapidez do Ministério da Educação na publicação de decretos e portarias que possibilitaram a continuidade das atividades educacionais de forma remota não foi o suficiente para dar conta da complexidade do desafio imposto. Todo o modelo de ensino presencial foi simplesmente transferido para o ciberespaço sem qualquer estratégia pedagógica que considerasse o tempo de tela dos alunos, o volume de tarefas e a qualidade da aprendizagem. Contribuindo assim para o surgimento de experiências negativas com as aulas *on-line*, aumento do fracasso e evasão escolar.

A escolha de buscar nos memes da internet, narrativas humorísticas sobre as aulas *on-line* se mostrou cheia de possibilidades para aprofundamento teórico que não caberiam nesta monografia, tendo em vista a enxurrada de publicações realizadas nas redes sociais sobre as muitas contradições e dificuldades que rapidamente apareceram na rotina educacional da

distanciamento social. Apesar de ter selecionado uma amostra pequena para análise, as representações evidenciadas nos materiais foram diversas:

- Fragilização da saúde mental dos alunos, professores e responsáveis de todas as faixas etárias;
- Desinteresse, cansaço, tédio e a falta de interação nas aulas;
- As diversas possibilidades de distração disponíveis na internet e no ambiente doméstico;
- Aumento de tarefas diárias para controle de nota e presença;
- Intensificação do trabalho docente para se adequar à nova realidade educacional;
- Confusão entre rotina doméstica e escolar, responsável por situações constrangedoras e perda da privacidade;
- Acentuação das desigualdades educacionais em função da exclusão digital;
- Níveis insatisfatórios de aprendizagem;
- Falta de qualidade dos equipamentos e da rede de internet que comprometeram as aulas.

É importante ressaltar que estas percepções das comunidades virtuais, que estão documentadas nos memes e em outros formatos de interação nas redes sociais, continuam impactando na educação brasileira após o retorno das atividades presenciais – Seja na maneira de organizar as aulas e as atividades, ou nas estratégias de comunicação com alunos e com a própria equipe pedagógica - exigindo a elaboração de um contingente cada vez mais robusto de pesquisas que estão se propondo a documentar detalhes deste cenário recente e analisar as possibilidades de ação colocadas a partir de agora, para que futuramente não sejamos pegos de surpresa novamente. O trabalho empenhado nesta análise se colocou como uma breve contribuição, que explorou algumas facetas do tema - como as especificidades de uma pandemia ocorrida em uma sociedade digital, e a exploração do meme enquanto um objeto de pesquisa recente que ainda está se consolidando no campo das ciências sociais. Este tema está longe de ser esgotado e para mim se apresentou como um campo fértil de aprofundamento com novos recortes em pesquisas futuras.

Talvez um dos principais desafios impostos daqui em diante, seja analisar as possibilidades entre educação e tecnologia sem excessos, a partir das dificuldades e possibilidades que as experiências recentes evidenciaram. Também, torna-se imperativo defender a escola como direito das crianças e adolescentes, contra quaisquer discursos que

possam se utilizar do ensino remoto como argumento para tentar deslegitimar este espaço enquanto ambiente significativo de aprendizagem.

8. REFERÊNCIAS

ABALF (Brasil). **Posicionamento da ABAlf sobre a reposição de aulas remotas na Educação Básica**: posicionamento da abalf sobre a reposição de aulas remotas na educação básica. Posicionamento da ABAlf sobre a reposição de aulas remotas na Educação Básica. 2020. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/posicionamento-da-abalf-sobre-reposicao-de-aulas-remotas-na-educacao-basica>. Acesso em: 04 out. 2020.

ANATEL (Brasil). **Anatel divulga balanço de reclamações em 2020 Com 2,96 milhões de reclamações**: nível se mantém estável desde 2018, mas crescem as queixas sobre banda larga fixa e celular pré-pago durante a pandemia de Covid-19. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anatel/pt-br/assuntos/noticias/anatel-divulga-balanco-de-reclamacoes-em-2020>. Acesso em: 25 ago. 2021.

ANNA CAROLINA PAPP (Brasil). G1 e Globo News. **Em um ano de pandemia, 377 brasileiros perderam o emprego por hora**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/07/24/em-um-ano-de-pandemia-377-brasileiros-perderam-o-emprego-por-hora.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ARAUJO, Denise Conceição Garcia; OLIVEIRA, Letícia Natália de; BERETTA, Regina Célia de Souza; BITTAR, Cléria Maria Lobo. **Percepções sobre o ensino remoto-domiciliar durante o isolamento físico**: o que as mães têm a nos relatar?. Saúde e Sociedade, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 1-31, 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902022200877>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/BJqstQXdt5MSRCvQQRpPW7L/#>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ASSIS, Machado de (1997). **Histórias sem data**. In: ASSIS, Machado de. Primas de Sapucaia. São Paulo: Globo. p. 43-49.

BARROS, GMM de; VALÉRIO, FCEP; SILVA, MHFD da; PECORELLI, DG; PORTO, VU da N.; SILVA, L. de A. **Os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental dos estudantes**. Investigação, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 10, n. 9, pág. e47210918307, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18307>. Acesso em: 12 mar. 2023.

BARROS, L. M. de; DE FARIA MILANEZI, M. J. **Disputas simbólicas em memes das eleições presidenciais brasileiras de 2018**. Lumina, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 174–191, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/29629>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BBC NEWS (Brasil). **CPI da Covid**: quem é quem no escândalo covaxin. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57647163>. Acesso em: 27 set. 2021.

BELL, Daniel. Dos Bens aos Serviços: a transformação da forma da economia. In: BELL, Daniel. **O advento da Sociedade Pós-Industrial: uma tentativa de previsão social**. São Paulo: Cultrix Ltda, 1977. Cap. 2, p. 148.

BELLONI, M. L. . **A MUNDIALIZAÇÃO DA CULTURA**. Sociedade e Estado, [S. l.], v. 9, n. 01 e 02, p. 35–53, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/43820>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2017/lei/l13467.html>.

BRASIL. Assembleia Legislativa. **Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Brasília (DF), 2020a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>. Acesso em: 24 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria Nº 356, de 11 de março de 2020**. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (COVID-19). Brasília (DF), 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>. Acesso em: 24 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto Legislativo nº 6/2020**. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020. Brasília (DF), 2020c. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm. Acesso em: 29 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Nº343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília (DF), 2020d. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 25 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020**. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Diário oficial da União: Seção 1, Brasília (DF), Edição: 63-A, p.1. 2020e. Disponível em: < <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591>>. Acesso em 14 out 2021.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 14.040, de 18 de agosto de 2020**. Estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília (DF), Edição: 159, p. 4, 19 ago. 2020f. Disponível em: <https://bit.ly/2PQqS9t>. Acesso em: 28 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 5, de 28 abril de 2020.** Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília (DF), 2020g. Disponível em: <https://bit.ly/3rFLv1S>. Acesso em: 10 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação Parecer CNE/CP nº 11, de 7 de julho de 2020.** Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia. Brasília (DF), 2020h. Disponível em: <https://bit.ly/3cJL3yE>. Acesso em: 24 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação Parecer CNE/CP nº 15, de 6 de outubro de 2020.** Diretrizes Nacionais para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Brasília (DF), 2020i. Disponível em: <https://bit.ly/39Cu3sq>. Acesso em: 24 set. 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Poder Legislativo. PECn. 241, de 15 de junho de 2016. Altera o ato das disposições constitucionais transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal. Diário Oficial, Brasília, DF, 15 jun. 2016j. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1468431&filena me=PEC241/2016>. Acesso em 10 fev 2023.

CAIMI, F. E. **Sob nova direção:** o PNLD e seus desafios frente aos contextos político-educativos emergentes. Revista História Hoje, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 21–40, 2018. DOI: 10.20949/rhj.v7i14.465. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/465>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CAMILA TURTELLI (Brasil). Uol. **Com escalada da fome no Brasil, Governo destrói programa alimentar.** 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/06/06/com-escalada-de-fome-no-brasil-governo-destroi-programa-alimentar.htm>. Acesso em: 10 fev. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra - 2003.

CHAGAS, Carmen Elena das. **O papel social da língua:** o poder das variedades lingüísticas. SOLETRAS, [S.l.], n. 16, p. 70-75, fev. 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5011>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CETIC (Brasil) (org.). **Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br.** 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/#:~:text=do%20Cetic.br-,Cresce%20o%20uso%20de%20Internet%20durante%20a%20pandemia%20e%20n%C3%B>

Amero, aponta%20pesquisa%20do%20Cetic.br&text=O%20Brasil%20tem%20152%20milh%C3%B5es,com%2010%20anos%20ou%20mais.. Acesso em: 10 fev. 2023.

CHARTIER, Roger. **Do código ao monitor: a trajetória do escrito**. Estudos Avançados [online]. 1994, v. 8, n. 21 [Acessado 27 Novembro 2022] , pp. 185-199. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>>. Epub 25 Nov 2005. ISSN 1806-9592.

COELHO, P. M. F. **Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas**. Texto Livre, Belo Horizonte-MG, v. 5, n. 2, p. 88–95, 2012. DOI: 10.17851/1983-3652.5.2.88-95. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/16621>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CONSUMOTECA (Brasil). Revista Gente (org.). **In Meme We Trust: a cultura dos memes ultrapassa os limites do humor e passa a pautar as complexidades da nossa comunicação com o mundo**. 2019. Disponível em: <https://gente.globo.com/meme-we-trust/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

COSTELLA, Antonio F. Comunicação do grito ao satélite: história dos meios de comunicação. 5. ed. rev. e atual. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002.

DEMIER, Felipe. **Crônicas de dias desleais: ultra neoliberalismo, fascismo e pandemia no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2020. 92 p.

DONG, Ensheng et al. **An interactive web-based dashboard to track COVID-19 in real time**. The Lancet, Reino Unido, v. 20, n. 5, p. 533-534, 1 maio 2020. Semanal. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(20\)30120-1/fulltext#section-7c530872-6235-4433-899c-b3f276970189](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(20)30120-1/fulltext#section-7c530872-6235-4433-899c-b3f276970189). Acesso em: 27 set. 2021.

ECAR, Ariadne Lopes. **História das epidemias e das endemias #07: a suspensão de aulas em decorrência da influenza espanhola**. A suspensão de aulas em decorrência da influenza espanhola. 2020. FMUSP. Disponível em: <https://www.fm.usp.br/museu/museu-virtual/historia-das-epidemias-e-das-endemias-07---a-suspensao-de-aulas-em-decorrencia-da-influenza-espanhola>. Acesso em: 01 out. 2021.

FAPESP (São Paulo). **Fapesp: pesquisadores analisam avanço de grupos antivacina em plena pandemia: desinformação e teorias conspiratórias alimentam movimentos antivacina**. Desinformação e teorias conspiratórias alimentam movimentos antivacina. 2021. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/orgaos-governamentais/fapesp/fapesp-pesquisadores-analisam-avanco-de-grupos-antivacina-em-plena-pandemia/>. Acesso em: 27 set. 2021.

FERNANDES, C. M.; OLIVEIRA, L. A. de; CAMPOS, M. M. de; COIMBRA, M. R. **A Pós-verdade em tempos de Covid 19: o negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro no Instagram**. Liinc em Revista, [S. l.], v. 16, n. 2, p. e5317, 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5317>. Acesso em: 27 set. 2021.

FERRARI, Murillo (São Paulo). Jornal Cnn. **Após 4 meses, falta de insumo diminui ritmo de vacinação no Brasil: país já aplicou mais de 57,8 milhões de doses de imunizantes contra**

o novo coronavírus, mas sofre dificuldades para obter ifa para produzir mais imunizantes. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/apos-4-meses-falta-de-insumo-diminui-ritmo-de-vacinacao-no-brasil/>. Acesso em: 27 set. 2021.

FILGUEIRAS, Vitor; ANTUNES, Ricardo. **Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo**. Contracampo, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, 2020.

GALZERANO, L. S. **Políticas educacionais em tempos de pandemia**. Argumentum, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 123–138, 2021. DOI: 10.47456/argumentum.v13i1.33045. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/33045>. Acesso em: 08 out. 2021.

HENRY, Ronnie. Etymologia: Coronavirus. Emerging Infectious Diseases, [S. L.], p. 1027-1027, maio 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7181939/>. Acesso em: 27 set. 2021.

GOZZO, Marcella. **June Almeida**: a doutora que não terminou o ensino médio e identificou o primeiro coronavírus. a doutora que não terminou o ensino médio e identificou o primeiro coronavírus. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.butantan.gov.br/ultimas-noticias/june-almeida-a-doutora-que-nao-terminou-o-ensino-medio-e-identificou-o-primeiro-coronavirus>. Acesso em: 10 set. 2021.

GOOGLE. **O que é um Feed?**. Disponível em:

<<https://support.google.com/adsense/answer/9189559?hl=pt-BR>> . Acesso em 16 de abr de 2023.

ISAAC Asimov **prevendo o impacto da internet**. Sl: Youtube, 1988. (7 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rMQiR-3sXQE>. Acesso em: 05 dez. 2022.

ISOGLIO, Antonela. **A economia baseada no conhecimento**: discussões conceituais sobre as mudanças ocorridas em escala global desde a década de 1970. Investigag. desarro. , Barranquilla , v. 29, n. 2, pág. 169-195, dez. 2021 . Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-32612021000200169&lng=en&nrm=iso>. acesso em 12 de fevereiro de 2023. Epub em 01 de maio de 2022. <https://doi.org/10.14482/indes.29.2.330> .

JERÓNIMO, Nuno Amaral. **Humor na Sociedade Contemporânea**. 2015. 256 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2015. Cap. 1. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3974/1/TD_Nuno_Jer%C3%B3nimo.pdf. Acesso em: 07 jan. 2023.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. **Os Memes e a Memética**: uso de modelos biológicos na cultura. São Paulo: Filoczar, 2017. 180 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. 272 p.

LIMA-NETO, V. **Meme é gênero?** Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 59, n. 3, p. 2246–2277, 2021.

Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8659859>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MALAVÉ, Mayra M. (Brasil). Fiocruz. **O papel das Redes Sociais durante a pandemia**. 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MANIFESTO **Ocupar Escolas, Proteger Pessoas, Valorizar a Educação**. 23 nov. 2020. Disponível em: <http://cebes.org.br/site/wp-content/uploads/2020/11/OCUPAR-ESCOLAS-PROTEGER-PESSOAS-VALORIZAR-A-EDUCACAO-CC%CC%A7A%CC%83O_21_11_20-vf.pdf>. Acesso em 10 out. 2021.

MARIANGELA CASTRO (Brasil). Revista Forbes. **9 bilionários brasileiros que fizeram fortuna no setor da educação**. 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/09/9-bilionarios-brasileiros-que-fizeram-fortuna-no-setor-de-educacao/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasília-Df). Governo Federal. **Painel de monitoramento da educação básica no contexto da pandemia**. 2021. Disponível em: <https://painelcovid-seb.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 out. 2021.

MUSEU DE MEMES (Rio de Janeiro). Universidade Federal Fluminense. **Enfim, a Hipocrisia**. Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/enfim-a-hipocrisia>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MUSEU DE MEMES (Rio de Janeiro). Universidade Federal Fluminense. **Porque você não amadurece?** Disponível em: <https://museudememes.com.br/collection/por-que-voce-nao-amadurece>. Acesso em: 10 mar. 2023.

NETTO, Alexandre. **As Universidades Federais frente ao Future-se**. 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/?p=81523>. Acesso em: 10 fev. 2022.

OBSERVATÓRIO COVID-19. **Escolas não deveriam abrir com os altos índices de COVID-19**. 2021. Disponível em: https://covid19br.github.io/notas/Carta_aberta_2021-03-09.pdf. Acesso em: 04 out. 2021.

OCDE. **“Um roteiro para guiar a resposta educacional à Pandemia da COVID-19 de 2020”**, as políticas públicas da OCDE para responder ao coronavírus (COVID-19). 2020. OCDE Publishing, Paris. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/education/um-roteiro-para-guiar-a-resposta-educacional-a-pandemia-da-covid-19-de-2020_da7015da-pt>. Acesso em: 25 set 2021.

OLHE PARA A FOME (Brasil). **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19**. Disponível em: <http://olheparaafome.com.br/>. Acesso em: 29 set. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (Brasília). Organização Mundial da Saúde (OMS). **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 01 set. 2021.

PAIVA, Vanilda. **Sobre o conceito de "capital humano"**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 113, p. 185-191, jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/GZvy7G9DGMHJndk9NBTRGQK/?lang=pt#>. Acesso em: 22 fev. 2023.

PAVARIN, Guilherme. **Memes no museu: um fenômeno em exposição. Um fenômeno em exposição.** 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/memes-no-museu/>. Acesso em: 10 mar. 2023

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Sil-veira; SENA, Ivânia Paula (Orgs). **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19.** Salvador: Edição do autor, 2020. Disponível em: <https://blog.ufba.br/gec/files/2020/05/GEC_livro_final_imprensa.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.

PORTAL G1 (São Paulo). Globo. **Mapa da vacinação contra Covid-19 no Brasil:** acompanhe a evolução da imunização. Acompanhe a evolução da imunização. 2021. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 27 set. 2021.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** 2ª Ed. Portugal: Gradiva, 1998. 282 p.

RECUERO, Raquel. **Considerações sobre a difusão de informações em redes sociais na Internet.** VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul. Passo Fundo (RS): Intercom, 2007. Disponível em: <http://200.204.77.119/multevento/intercom/2007/sul/cdrom/cd/resumos/R0464-1.pdf>

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBRENIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (Brasil). Vox Populi. **Olhe para a fome.** Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/pesquisa2020/>. Acesso em: 01 fev. 2023.

REDE PESQUISA SOLIDÁRIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS E SOCIEDADE (Brasil). **Boletim 33: covid-19:** arthurhidden/freepik.com políticas públicas e as respostas da sociedade. Disponível em: <https://redepesquisasolidaria.org/wp-content/uploads/2021/07/boletimpps-33-23julho2021.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

REUTERS (org.). **Covid-19 global tracker.** 2021. Disponível em: <https://graphics.reuters.com/world-coronavirus-tracker-and-maps/pt/countries-and-territories/brazil/>. Acesso em: 27 set. 2021.

RODA Viva | Pierre Lévy | 08/01/2001. S.L.: Tv Cultura, 2001. (90 min.), son., color. Legendado. Série Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzfKr2nUj8k>. Acesso em: 22 fev. 2022.

ROSSI, VERA LÚCIA S. **Desafio à escola pública**: tomar em suas mãos seu próprio destino. Cadernos CEDES [on-line]. 2001, v. 21, n. 55. p. 92-107. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32622001000300007>>. Acesso em: 06 out 2021.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D. de; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental**: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 5 mar. 2023.

SÃO PAULO. **LEI Nº 12.730**, DE 11 DE OUTUBRO DE 2007. Proíbe o uso telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário de aula. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=74333#:~:text=Lei%20n%C2%BA%2012.730%2C%20de%2011%2F10%2F2007&text=Pro%C3%ADbe%20o%20uso%20telefone%20celular,durante%20o%20hor%C3%A1rio%20de%20aula.>>. Acesso em: 10/03/2023.

SCINOCCA, Marcel. **Surtos de Covid fecham escolas estaduais em Sorocaba**: de janeiro a maio, 73 pessoas receberam diagnóstico de contaminação, sendo 42 professores. 2021. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/noticias/2021/06/673856-surtos-de-covid-fecham-escolas-estaduais-da-cidade.html>. Acesso em: 02 out. 2021.

STATISTA (Estados Unidos) (org.). **Uso de mídias sociais por tipo de plataforma no Brasil em 2022**. 2022. Disponível em: <https://www.statista.com/forecasts/822785/social-media-usage-by-platform-type-in-brazil>. Acesso em: 05 mar. 2023.

SILVEIRA J. **Desenvolvimento humano, responsabilidade social e educação no capitalismo**: investigando o programa "Educação pelo Esporte" do Instituto Ayrton Senna [dissertação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/90374/237992.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 de fev de 2023.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Sociedade dos códigos**: entre a opacidade e a liberdade. Comunicação e Sociedade, São Bernardo (Sp), v. 27, n. 45, p. 58-78, 2006. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3798/3347>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **A noção de exclusão digital diante das exigências de uma cibercidadania**. In: HETKOWSKI, Tânia Maria. Políticas públicas & inclusão digital. Bahia: Edufba, 2009. p. 43. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/202/1/Políticas%20publicas%20e%20inclusao%20digital.pdf#page=43>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS). **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO (Brasil). **6º Relatório Bimestral**: execução orçamentária do ministério da educação (mec). Execução Orçamentária Do Ministério Da Educação (Mec). 2020. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp->

content/uploads/2021/02/6%C2%B0-Relatorio-Bimestral-da-Execucao-Orcamentaria-do-MEC.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Nota técnica:** Impactos da pandemia na alfabetização de crianças, 2021. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf>>. Acesso em 26 abr. 2022.

VARGAS, Mateus. **Falta seringa para vacina da Pfizer em 3 estados e no DF, diz conselho de secretários:** Conselho aponta preocupação sobre escassez de insumos e cobra do Ministério da Saúde nova compra de seringas. 2021. Folha de São Paulo Uol. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/falta-seringa-para-vacina-da-pfizer-em-3-estados-e-no-df-diz-conselho-de-secretarios.shtml>. Acesso em: 27 set. 2021.

ZENHA, Luciana. **Redes Sociais On-line:** o que são as redes sociais e como se organizam? Caderno de Educação, Belo Horizonte, v. 1, n. 49, p. 19-42, ano 20, 2017/2018. Disponível em: < <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809/1541> >. Acesso em 18 jul. 2021.